

# O Reverso

Memórias e História(s) da Hungria

Júlia Matravolgyi

Diagramação:

João Ricardo Lagazzi Rodrigues

Júlia Matravolgyi

Revisão:

Silvia Matravolgyi Damião

Ilustrações:

João Ricardo Lagazzi Rodrigues

# O Reverso

Memórias e história(s) da  
Hungria

Projeto Experimental apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo com orientação do Prof. Dr. Jefferson Goulart.



*Para Eva*

*Pela confiança das memórias  
e pelo carinho das palavras.*



*“Donde bem, por essas e por outras, contam que Carlos V, que desde muito menino teve de estudar uma porção de idiomas, por quantas terras e povos em que reinar, costumava dizer que: o espanhol era para se falar com os reis, o italiano com a mulher amada, o francês com o amigo, o holandês com os serviçais, o alemão com os soldados, o latim com Deus, o húngaro... com o diabo.”*

João Guimarães Rosa  
Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1956  
Prefácio de *Antologia do Conto Húngaro*





# Índice

## **Parte 1: O Comunismo**

*Viszontlátásra* - pág 19

Budapeste era Amarela - pág 30

Não há mulher que caminhe como as húngaras - pág 52

Um souvenir volátil- pág 65

## **Parte 2: O Holocausto**

Do alemão, só sabemos que tartaruga é lagarto com escudo -pág 73

*Végtelenül Büntess Meg* - pág 80

Não existe vida fora da Hungria, diz o provérbio -pág 89

O Danúbio, negro, silencioso - pág 96

## **Epílogo: O Brasil**

O poema não parece húngaro - pág 113

Aí estou chegando quase - pág 122

*Szívem* - pág 133



# Apresentação

Sobre *csengöfrasz\** e macarronadas de domingo

Caro leitor, acredito que você veio parar aqui por acaso – ou, mais provavelmente, por um convite meu – portanto, antes de quaisquer desejos de “boas vindas”, gostaria de esclarecer alguns detalhes sobre o livro que você acaba de abrir.

O primeiro deles é que esse livro conta a história da minha avó.

Se quando eu falei “minha avó” você começou a imaginar uma senhora gordinha, de cabelos brancos e vestido florido, que cozinha uma bela macarronada de domingo, pode esquecer. É normal, eu também faço isso: basta citarem alguma característica de certo personagem quando começo um livro e *voilà*, já estou tentando dar-lhe rosto, corpo, escolhendo suas roupas, quiçá até imaginando quem seria o ator escalado quando transformarem o livro em filme de Hollywood.

Bom, não é só porque estamos muito distantes de transformar esse livro em obra cinematográfica que eu gostaria de frear seus pensamentos sobre a tal velhinha. Preste atenção no que direi a seguir, senão você corre o risco de idealizar a vovó.

Esqueça-se da senhora que borda usando chinelo com meias e elogiando suas bochechas rosadas. A avó em questão é tão simpática quanto a vovó comum (até mais, se você quiser mesmo saber a minha opinião), mas talvez nunca tenha cozinhado uma macarronada em um domingo. Em compensação, é uma exímia preparadora de *bableves*, *gulyás* e, se você pedir com jeitinho, pode ser que ela faça *palacsintas\*\** para a sobremesa. Acredite em mim: os nomes são complicados da boca para fora, mas da boca para dentro são pra lá de saborosos.

Deixe-me adivinhar: agora você está pensando, “tudo bem, sua avó é diferente da maioria, mas por que é que você escreveu um livro sobre ela?”. Para essa pergunta, seria possível dar três respostas:

*Primeiro*, você precisa saber que minha avó nasceu num pequeno país que fica entre a Áustria e a Romênia, chamado Hungria. Talvez você já tenha ouvido falar dele, o país que fala o único idioma que o diabo respeita, pelo menos de acordo com Guimarães Rosa\*\*\*. Budapeste, sua capital, foi eternizada na literatura de Chico Buarque como a cidade amarela (pensando bem, isso até ficaria bom na adaptação cinematográfica!). Lá, durante o século XX, aconteceu... Bom, na verdade, aconteceu muita coisa!

Do absolutismo, passando pela derrota nas duas Guerras Mundiais até chegar ao comunismo e, por fim, à democracia. Muitas conquistas, mas também muita desgraça. Por isso decidi saber mais sobre esse passado: contar a história da minha avó é contar a história de seu país e – por que não? – um pouco da história do mundo. Tudo interligado. É uma chance de conhecer um capítulo importante da história coletiva através do ponto de vista de quem viveu tudo de perto.

Aliás, essa é justamente minha *segunda* motivação. Ouvir a história diretamente da boca de quem viveu os fatos. Um relato que não é nem do vencedor, nem do perdedor. É a fala do cidadão comum que, ao enfrentar os mesmos problemas que eu e você no que diz respeito à vida pessoal, também teve que lidar com conflitos políticos, econômicos, deportações, ditaduras, etc.

*Por fim*, se você está lembrando dos livros de história da escola ou talvez pensando em desistir do que tem em mãos, com medo de ser algo ‘quadrado’, não o faça – pelo menos não ainda. Essa narrativa é também uma aventura. Um livro de histórias sobre a história. Tem direito a suspense, romance, fugas, alegrias e até esconderijos secretos. Pode começar a se acostumar: *csengöfrasz* é a palavra húngara que significa medo da campainha, muito usada no período em que os policiais russos procuravam as pessoas no meio da noite para “prestar esclarecimentos”.

Chegaremos lá. A essa altura você nem espera mais que a minha avó seja a simpática gorducha dos vestidos floridos, não é mesmo?

Não foi fácil mergulhar na história da família. Arrisco-me a dizer, talvez, que o que segue nas próximas páginas seja a menor parte desse mergulho.

De qualquer forma, se você gosta de história(s), ficou com água na boca por causa das panquecas ou então curioso para saber mais sobre a velhinha com um sotaque dos diabos – literalmente – siga em frente. A história contada pela boca de quem viveu chega aos seus ouvidos (e olhos!). Ao invés de olhar de longe, olhe de dentro. Quem sabe assim não fica mais interessante? Agora sim: bem vindo!

\* *csengőfrasz*: medo da campanha.

\*\**bableves* e *gulyás* são sopas tradicionais húngaras. *Palacsintas* são panquecas, costuma-se comer na sobremesa, com recheio de geléia, chocolate, etc.

\*\*\*O húngaro é “conhecido” como o único idioma que o diabo respeita em várias literaturas, inclusive na de Guimarães Rosa, quando este decidiu estudar o idioma. Ele costumava usar como exemplo a palavra “inadmissível” que, em húngaro, aparece da seguinte maneira:

*megengedhetetlen*: inadmissível.

*megengedhetlennebb*: mais inadmissível.

*legmegengedhetlennebb*: o mais inadmissível.

*legeslegmegengedhetlennebb*: o mais inadmissível de todos.

*legeslegmegengedhetlennebbekkel*: com os mais inadmissíveis de todos.



# Parte 1

O Comunismo.





# Viszontlátásra<sup>1</sup>

Abraçaram-se em silêncio.

Não havia tempo para despedidas e, na verdade, essa não era uma. Era apenas o conforto de saber que, apesar de tudo, tinham um ao outro. Seguiram em frente.

Mentira.

Não haviam se abraçado.

Mas agora que se via distante, ela desejava que houvessem. Assim, se o reencontro não estivesse tão próximo quanto o planejado, ela teria um momento para recordar como sendo o último em que vira o marido e a única filha. Não havia tempo para pensar nisso agora.

Segurou firme nas mãos de sua mãe e seguiu o grupo que caminhava pela terra fofa. Não era tarefa fácil. No mínimo, era o suficiente para distrair a mente de quaisquer outros problemas. A cada passo, suas pernas eram enterradas até os joelhos e ela sabia que a jornada ainda não estava perto de terminar. Tudo bem, ela não reclamaria, até porque seguir em frente era a única opção disponível. Ela só buscava a esperança de um futuro para sua pequena menina.

Até que percebeu a aproximação dos soldados russos.

\*\*\*

---

1 Significa “até logo”, em húngaro. Esse título, bem como todos os que seguem nos próximos capítulos são frases ou palavras retiradas do livro *Budapeste*, de Chico Buarque. BUARQUE, Chico. *Budapeste: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

A história que vem a seguir se passa na Hungria, um pequeno país do leste europeu que fica entre a Áustria e a Romênia. No período em questão, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) dominava a nação desde o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, englobando-a à Cortina de Ferro.

Isso significa que o regime comunista havia sido imposto aos húngaros, atrelado a uma série de regras políticas, econômicas e sociais que visavam transformar o país em uma extensão do Kremlin. A partir de 23 de outubro de 1956, mais de uma década depois do início da dominação, teve início uma revolta que demonstrava o descontentamento da população da Hungria com os soviéticos. Era a Revolução Húngara.

Foi nessa época que veio pela primeira vez a notícia de que a vigilância nas fronteiras estava falha, pois os russos estavam direcionando seu exército para a luta contra os revolucionários. Era uma grande novidade para quem tinha vivido quase uma década preso dentro do próprio país. Antes da revolução, para atravessar a fronteira era necessário um visto que poucos conseguiam.

Eva Matravolgyi sabia que não havia tempo para planejar. Teria que escapar como fugitiva, aproveitando a diminuição da fiscalização nas divisas. Era simples e, justamente por isso, complicado: seria preciso deixar tudo o que possuía - apartamento, roupas, amigos, emprego - e partir em busca de uma oportunidade. Até os álbuns de fotografia teriam de ser deixados. Ficariam em casa guardando a memória do que fora vivido até ali.

Ansiosa com a possibilidade, Eva fez a proposta para o marido, László, de um jeito que, sem querer, trazia pergunta e resposta ao mesmo tempo:

- Vamos!? – se a boca questionava, os olhos sorriam.

Margit, mãe de Eva, decidiu que os acompanharia. Se pudessem levar malas, ela as prepararia de imediato. Infelizmente, só carregariam as

roupas do corpo e uma mochila com os pertences da filha pequena, Marta, que ainda não completara dois anos de idade. Os preparativos foram todos verbais.

Era como fazer um testamento.

Deixaram as cadeiras para um, as roupas para outro, a vitrola da sala para um terceiro – “por favor, tome cuidado, é um bem de família”. Apenas três pessoas foram avisadas da partida da família: a xará Eva, vizinha que fora amiga de infância, ficou com alguns móveis; Aniko, colega de turma, herdou as roupas e, por fim, Tia Mimosa ficou responsável pelas fotografias.

Tão logo optaram pela fuga, foram apresentados a um caminhoneiro que transportava leite e que, durante a madrugada, levava e trazia pessoas até a fronteira para que pudessem escapar. Preocupados com a filha, László e Eva Matravolgyi confidenciaram ao pediatra da pequena que haviam encontrado um possível plano de fuga, e sugeriram que escapassem juntos – assim, haveria respaldo se algo acontecesse à menina.

Formou-se, então, o grupo: Eva, a mãe, o marido e a pequena Marta, acompanhados pelo pediatra, que ia com a esposa e o filho. Tiveram pouco tempo para se acostumarem com a ideia da partida: foi o suficiente para chorarem nos ombros dos seus uma última vez, mas não o bastante para desistirem.

\*\*\*

Era 26 de novembro de 1956.

Eva não dormira na noite do dia 25 e, se fosse sincera consigo mesma, sabia que não havia feito questão de tentar. O evento que a aguardava era grandioso demais para esconder a adrenalina. Quando amanheceu, passou a se ocupar dos últimos preparativos. O tempo correu e só desacelerou

quando o relógio avisou que eram três da madrugada do dia 27. Ela se apressou em sair, sem olhar para trás.

Sem alarde, os três adultos e a pequena entraram no caminhão que encostou perto do prédio durante a madrugada. Lá já estavam o pediatra e sua família. Todos vestiam duas camadas de roupas, pois não poderiam carregar nada além do necessário (sabiam que as vestes reforçadas não eram má ideia, pois o cruel inverno da Hungria os castigaria durante a travessia). Eva carregava uma pequena mochila com os pertences da filha e uma garrafa de rum. Margit vestia um grosso casaco de pele e carregava algumas joias de família. Como não tinham dinheiro, uma pulseira de ouro ficou com o motorista como pagamento.

Iam acompanhados de mais 15 pessoas. Estavam todos sentados em círculo na traseira do caminhão, atrás dos containers de leite, cobertos apenas com uma lona. Ninguém tinha coragem de trocar mais de duas palavras sussurradas. Assim que se acomodou, Eva sentiu que, naquele momento, uma nova fase começava.

Marta estava no colo da mãe, envolta em um cobertor. Era uma criança falante e, sentindo a adrenalina ao seu redor, perdeu o sono e começou a conversar. Ainda que pedissem silêncio, ela se esquecia, e no segundo seguinte, queria atenção:

- Mamãe! Por que você está tão quieta?

Nenhum barulho poderia ser feito, para não chamar a atenção dos guardas. Ao perceber os olhares incomodados de seus acompanhantes, Eva pediu ao Pediatra uma solução para acalmar a pequena falante. Deram-lhe um sedativo para que dormisse.

Seguiam pela estrada, rumo oeste.

A lona dançava ao som da brisa e por vezes deixava entrar um fiapo de luz, que revelava um dos rostos curiosos. O motorista cantarolava baixinho, as garrafas de leite tilintavam e, ocasionalmente, podia-se ouvir o barulho dos freios do caminhão sendo acionados. Tirando isso, o silêncio

era absoluto. O inverno castigava e o vento deixava a temperatura ainda mais baixa, daquele jeito que torna impossível manter as extremidades dos dedos dos pés e das mãos aquecidas.

Invariavelmente, movendo os braços em movimentos lentos e calculados, Eva verificava se a filha permanecia com o corpo quente em meio aos cobertores. A menina dormia e, junto aos pais e à avó, chacoalhava no ritmo do veículo. A estrada era escura e parecia interminável... Até que, inesperadamente, o caminhão parou.

Ninguém ousava se mexer.

Alguns interromperam até a respiração, na esperança que isso impedisse que aqueles guardas percebessem sua presença. Eva desejava segurar a mão do marido, mas estava paralisada pelo medo. Sabia que qualquer movimento poderia denunciá-los.

Atentos, aqueles que ocupavam o caminhão logo perceberam que dois homens conversavam com o motorista. Para onde ia? O que transportava? Pelo tom da conversa, só poderiam ser guardas rodoviários.

Um deles caminhou até a traseira do veículo, enquanto o outro prosseguiu com sua fala.

- Você sabe que isso faz parte do nosso trabalho – talvez não estivesse tão seguro quanto aparentava, mas sua fala era firme - Sabemos que é um homem honesto, mas com o espaço que há no seu caminhão, não podemos deixar de verificar seus documentos e o que carrega.

O outro guarda, que estivera calado até então, levantou uma das extremidades da lona. A fresta aberta no tecido era pequena, mas o frio penetrou o corpo dos fugitivos e percorreu a espinha de cada um deles.

O militar iluminava os containers de leite com sua lanterna.

- Creio que não há nada aqui, companheiro. Apenas leite. – soltou a lona e caminhou em direção ao colega.

Os militares ainda verificaram os documentos do motorista uma última vez. Depois disso, desejaram-lhe boa viagem.

- Desculpe-nos a interrupção, mas o senhor sabe como estão as estradas nesses dias. – com um aceno de cabeça, despediram-se.

A vontade de Eva era de respirar aliviada, mas ela não tinha coragem o suficiente para isso. Poderia fazer barulho.

\*\*\*

Depois de uma viagem que parecia ter durado dias, chegaram à casa de um aldeão. Amanhecera e era perto da hora do almoço do dia 27 de novembro. O camponês aproveitava a época de crise nos países que viviam sob o domínio da URSS para levar as pessoas de um lado a outro da fronteira com o “ocidente” e assim juntar um dinheiro. Ele também recebeu uma pulseira de ouro de Margit como pagamento.

A travessia só poderia ser realizada durante a noite, por isso Eva, a mãe e o marido aproveitaram a metade do dia que restava para descansar. Marta ainda dormia e seus pais improvisaram, com alguns cobertores que traziam consigo, uma mochila que pudesse suportar o peso da menina. Dessa forma, László poderia carregá-la nas costas e ela permaneceria aquecida.

Como era de se esperar, o tempo de descanso passou rápido e logo chegou a hora de partir novamente.

Eram liderados por dois guias a quem não poderiam perder de vista. Foi avisado que não realizariam paradas e que todos deveriam seguir em ritmo único. O grupo formado ainda na casa do aldeão totalizava 50 pessoas.

Quando o relógio marcou meia noite, deram um último suspiro coletivo.

Os casais trocaram o último olhar de cumplicidade. Sem hesitar, os dois guias partiram em direção à noite escura.

Seguiam uma trilha própria, sem iluminação, caminhando em meio à terra que continha tubérculos cultivados. Assim seria mais fácil despistar os guardas. Desde a partida, sabiam que a caminhada exigiria atenção total. A noite parecia ainda mais gelada que a anterior.

A cada passo, a terra fofa deslizava quase até os joelhos. Eva deu a mão para sua mãe. De seu outro lado, László ia com Marta nas costas.

De fato, era uma caminhada que exigia concentração. Direita, esquerda, direita, esquerda. Uma espiada no guia, que seguia em frente, direita, esquerda, direita, esquerda. A mão, colada à de sua mãe, começava a suar, mas ela não ousava largá-la. Direita, esquerda.

Não sabia por quanto tempo seguira nesse ritmo até perceber que o marido já não caminhava ao seu lado. Estavam acompanhados apenas por uma parte do grupo inicial. Direita, esquerda. O outro guia não estava em seu campo de visão. Direita, esquerda. É provável que metade do grupo tenha seguido com ele. Não é? Esquerda, direita, esquerda. Foi quando desejou que tivesse abraçado o marido antes de partir, mesmo que em silêncio, para simbolizar a despedida.

\*\*\*

O susto que sentimos com a visão dos soldados naquela noite, até hoje consigo sentir, diz Eva, sentada em sua casa em São Paulo, ao se referir à visão dos soldados russos, que repentinamente apareceram em meio à travessia que realizara meio século antes.

Era a segunda vez que se deparava com guardas desde que saíra de seu apartamento na capital húngara dois dias antes.

A visão daqueles homens fardados mais parecia um pesadelo. Será que colocariam tudo a perder?

- Para onde estão indo? – perguntou um dos soldados, de voz rouca e intensa. Vestia o uniforme do exército russo, reforçado por uma capa de inverno e chapéu.

O guia tirara as mãos dos bolsos e começava a explicar. Parecia nervoso. Antes que ele concluísse a primeira frase, ouviu-se um grito.

Uma mulher se atirou de joelhos em frente aos guardas. Sua fala preenchia a escuridão da noite.

- Por favor, por favor. Eu imploro, senhores... Eu imploro! – dizia. Ela falava mais alguma coisa, mas a voz se perdeu em meio aos seus soluços. – Nossas... Famílias... Por favor. – os demais só podiam ver a expressão de desespero em seu rosto. O cabelo estava coberto por um lenço e o corpo se escondia atrás dos grossos casacos.

Os homens fardados não ousavam encará-la. Entreolhavam-se desconfortáveis, mas a expressão deles revelava que não era a primeira vez que viam uma cena daquelas. Os outros permaneciam calados. Aguardavam.

Finalmente, um dos guardas sussurrou alguma coisa para o guia.

Quando Eva se deu conta, viu que todos aqueles que fugiam com ela mexiam em seus próprios bolsos. Alguns davam joias, outros garrafas de bebida. Ela entregou o rum que trazia consigo. Margit tirou o casaco de pele que vestia e entregou à pessoa ao lado, que passou para outra, até que tudo chegasse aos soldados.

Carregados, eles agora sorriam.

Trocaram mais algumas palavras, baixinho, com o guia. Sem mudar a expressão em seus rostos, apontaram para uma montanha, à direita.

- Sigam por lá. É o caminho mais curto até a Áustria. – e, com um



aceno de cabeça, começaram a caminhar na direção oposta, deixando o grupo mais uma vez sozinho na noite escura.

\*\*\*

Continuaram caminhando por mais algumas horas. Quando o céu começava a clarear, dando os primeiros indícios de que o novo dia se aproximava, receberam a boa notícia:

- Estão vendo aquelas luzes? Lá já é a Áustria! – instantaneamente, ninguém conseguia parar de sorrir. Era a melhor notícia da última década!

Seguiram em direção à pequena cidade iluminada, que ficava cada vez mais próxima. Lá, foram recebidos em uma escola improvisada como abrigo de refugiados. Para quem passara a madrugada ao relento em uma caminhada silenciosa, a mistura do som dos passarinhos com aquelas vozes que conversavam calmamente parecia uma sinfonia.

Logo que adentraram a sala, foram seguidos por olhares curiosos. Cada um procurava os seus. A luz deixava o ambiente amarelado. Próximas às paredes, mulheres e crianças ocupavam as cadeiras escolares, envoltas em cobertores, enquanto homens agasalhados caminhavam com xícaras de chocolate quente em punho, de lá para cá, servindo o merecido café da manhã. Alguns funcionários da Cruz Vermelha coordenavam a entrega dos cobertores e alimentos.

Lá estavam eles.

Marta, ainda grogue, bebia o chocolate quente em goles curtos, enrolada em um cobertor, no colo do pai. László sorriu com os olhos cansados ao vê-las entrarem.

Abraçaram-se em silêncio.

De verdade.

Margit pegou a neta no colo e passou a ajudá-la com o chocolate quente, enquanto o casal conversava baixinho, perdido em sua felicidade.

-Conseguimos!

Começaram a falar ao mesmo tempo. Pela primeira vez podiam expressar seus planos abertamente. A sensação de liberdade tomava conta de Eva e a fazia falar pelos cotovelos:

-... Sim, cada um dos guias deve ter seguido por um caminho diferente, *igen, igen<sup>2</sup>*, sim, também não percebi quando foi que nos separamos. Vocês chegaram faz tempo? – perguntou ao marido.

- Há meia hora, mais ou menos. Fiquei preocupado quando não encontrei vocês.

-Sim, fomos parados pelos guardas. Tivemos que entregar o rum e o casaco de pele. Todos tiveram de dar algo para aqueles russos. Como está a Marta?

Perderam-se em seus relatos, agora acompanhados de chocolate quente e pão. Ao longo da manhã, entravam e saíam pessoas com a mesma expressão curiosa que eles haviam feito algumas horas antes.

Em Budapeste, desde o início da Revolução Húngara, não se podia sair de casa ao anoitecer, nem mesmo deixar as luzes acesas ou as janelas abertas. Era o mesmo procedimento da Segunda Guerra Mundial. Qualquer foco de iluminação poderia ser um alvo para os bombardeios dos russos em direção à Hungria.

Anoitecia e, para Eva, László e Margit, essa era a primeira vez em algum tempo que viam uma cidade iluminada ao escurecer. Era a cereja do bolo da sensação de que, finalmente, estavam livres.

Na manhã seguinte, veio um ônibus que levou algumas famílias para Viena depois do café da manhã. Entraram no veículo sem hesitar. Era

---

2 *Igen* quer dizer “sim” em húngaro. Costuma-se usar (muito!) durante a fala, para concordar ou demonstrar interesse.

uma viagem de luxo para quem passara a noite num caminhão de leite há poucos dias. Um ônibus, com acentos acolchoados, imagine só!

A chegada a Viena foi indescritível.

Para trás ficara Budapeste, àquela altura uma cidade cheia de dúvidas, lágrimas, onde quem não fazia parte do Partido Comunista era extremamente pobre. Uma cidade de entulhos, poeira, mortos, escuridão. Viena, a cidade que agora lhes sorria, era iluminada, alegre, limpa, imensa. Um milagre. Eva chegou a procurar, pela janela, pessoas dançando no meio das ruas, tamanha a alegria daquele lugar!

Foram para um hotel barato. Pouco importava onde dormiriam desde que houvesse uma janela através da qual pudessem admirar as luzes da cidade. Pela primeira vez, viam a chance de ter um futuro que eles mesmos pudessem planejar.

Aliás, já sabiam três coisas sobre o lugar que haviam escolhido para ser o destino final daquela longa jornada: era onde ficava a floresta Amazônica, onde vivia o escritor Jorge Amado, autor de Cacau, e também onde ficava a casa de Suzana, a irmã mais velha de Eva, que emigrara havia alguns anos. Esse lugar era o Brasil.

# Budapeste era amarela

E vermelha também.

A história da fuga da família Matravolgyi teve início muitos anos antes de 1956, em uma época em que Eva ainda era solteira e chamava-se Eva Vezer.

Ela começou lá mesmo, na Hungria, o tal pequeno país do leste da Europa que é palco desse livro. Mais precisamente nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial (que durou de 1938w até 1945). Durante a maior parte da batalha, o país estivera sob o domínio dos alemães, que haviam feito de 1944 um dos anos mais cruéis da história húngara – ainda que a disputa por esse “título” seja acirrada.

Quando perceberam que a derrota alemã seria questão de tempo, soviéticos e ingleses dividiram parte dos territórios derrotados entre si – eles lutaram lado a lado, e, com a ajuda dos Estados Unidos, lideravam o grupo dos Aliados. Do outro lado da batalha estava o Eixo, encabeçado por alemães, italianos e japoneses. Vencedores, os russos acordaram com os ingleses e americanos que ficariam com boa parte da Europa Oriental – no entanto, a soberania sobre a Hungria ainda precisava ser conquistada.

O Exército Vermelho começou a avançar dentro das terras húngaras em agosto de 1944. Lá foram travadas algumas das batalhas mais sangrentas do período.

Em dezembro, alcançaram a capital.

O cerco teve início na noite de natal de 1944. Hitler, que comandava o exército alemão, batalhou para defender a cidade a qualquer custo e

chegou a deslocar dez divisões de suas tropas do front ocidental para a Hungria. Os ataques dos soviéticos contra os alemães aconteceram seguidamente, até que Budapeste foi conquistada pelo Exército da URSS em 4 de abril de 1945. Mais tarde, durante a Guerra Fria, a data tornou-se feriado na Hungria.

A derrota da Hungria foi, inevitavelmente, comemorada no Ocidente. A propaganda dos países vitoriosos sobre os húngaros alertava para um fato que o país conhecia bem: como tinham estado do lado perdedor nas duas Guerras Mundiais, os húngaros eram vistos como grandes criadores de problemas na Europa Central.

Quando da entrada do exercito russo, Budapeste estava devastada. Acredita-se que, depois de Berlim e Varsóvia, foi a capital europeia mais afetada pela guerra.

É difícil compreender a destruição de que assola os países nos períodos de conflito. O alemão Feliks Fischer, depois de passar parte da juventude em campos de concentração, só conseguia conversar sobre o tema com outros sobreviventes do Holocausto, pois acreditava que as palavras existentes no dicionário não eram suficientes para explicar as dificuldades para quem não tinha visto tudo de perto, de acordo com a literatura de Friedhelm Boll<sup>3</sup>.

O país fora totalmente devastado pelo Holocausto e pelas batalhas da guerra – talvez dizer mais seria simplificar muito.

Os números podem dar uma dimensão do acontecido: 40 mil alemães e 70 mil russos perderam suas vidas apenas nos últimos meses da batalha. As pontes que ligavam Buda e Peste, as duas metades da capital (Budapeste), estavam todas destruídas. Das cerca de 35 mil casas de civis existentes na capital húngara, apenas 5 mil não foram danificadas durante o período. Calcula-se que dentro dessas casas existiam 460 mil cômodos, dos quais 26 mil foram atingidos e desapareceram completamente.

---

3 FERREIRA, Marieta Morais, FERNANDES, Tânia M. D., ALBERTI, Verena (org) *História Oral*, desafios do século XXI, São Paulo, Editora Fiocruz, 2000.

Na casa de Eva, é claro, não foi diferente.

A família Vezer era formada por Eva, sua mãe Margit, seu pai Jenö e a irmã Suzana. Em 1938, mudaram-se para um apartamento, que ficava em um prédio em Peste, parte oriental da capital húngara.

Jenö era um líder nato. Tinha muitos amigos e contatos e sua carreira como dono de um laticínio prosperara imensamente nos últimos anos. Era um pai amoroso, mas também um marido autoritário.

Seu gosto pela boa comida era o motivo de que, na casa dos Vezer, antes da guerra, a mesa fosse posta sempre com muito aprumo e fartura. Para garantir a qualidade das refeições, Jenö matriculara sua esposa em um curso de culinária com um chefe francês. Na época, ele não poderia imaginar que uma banalidade como essa garantiria o sustento da família alguns anos depois.

O endereço da família era a *Jozsef Körut* (pronuncia-se *Iogeff* e significa Avenida José) localizada num bairro de classe média alta. O apartamento era composto por uma sala grande, cozinha, quarto de empregada, dispensa e três quartos, um deles duplo, no qual dormiam as filhas do casal Vezer. Além disso, havia um banheiro, onde estava o chuveiro aquecido a carvão, e um WC, onde ficava o vaso sanitário.

Era um lar moderno para a época e, se você visitar Budapeste atualmente, verificará que o prédio está lá até hoje.

Antes dos danos da guerra, a família tinha um bom poder aquisitivo se comparado aos vizinhos do bairro: quando foram lançados os toca-discos, foram os primeiros a adquirir um. *Moderníssimo*, possuía uma agulha de cristal. As invenções eram lançadas em ritmo acelerado e logo a família adquiriu um toca discos tão moderno que permitia que fossem colocados dez LPs ao mesmo tempo, para serem tocados em sequência. Também eram alguns dos poucos do bairro a possuir um carro.

Da janela era possível ver o bonde ao longo da avenida, além das carroças e dos ônibus passantes. A rua era movimentada e nela pedestres,

lojas e comerciantes se confundiam. Ao fim da *Körut* havia uma praça, onde ficava o mercado do bairro. Isso tudo antes de 1944 – depois daquele ano, era mais provável que das janelas fossem vistos escombros do tamanho das pessoas, pedaços de tanques e aviões além de neve, muita neve.

\*\*\*

Finda a guerra, o apartamento dos Vezer ficou com todas as janelas quebradas.

Apenas um quarto se manteve habitável, ou seja, com todas as janelas, paredes e condições adequadas de aquecimento para o rigoroso inverno do leste da Europa – lá, no período imediatamente seguinte à guerra, eles dividiam o espaço com a família dos vizinhos. Eram pai, mãe e uma filha, também chamada Eva, grande amiga de Eva Vezer. Como tinham dois anos de diferença, costumavam chamar a vizinha de Pequena Eva, e Eva Vezer de Grande Eva. Eram oito pessoas ao todo: a família da Pequena Eva, a família Vezer e o marido de Suzana, já que havia se casado em 1944.

O pai de Eva tinha esperança de que os soviéticos os libertariam do terror que tinham vivido nas mãos dos nazistas por causa de sua origem judaica. Ledo engano: a Hungria fora, de fato, libertada do domínio alemão, mas como perdedora. Logo os húngaros descobririam o que isso significava.

*Davai Tchassey*, ou, em português, “Me dê o seu relógio”, foram as primeiras palavras que os húngaros aprenderam do idioma de seus novos senhores. De um lado, estava o exército soviético, que vivera por anos em condições de terrível escassez e de outro, a Hungria recém-conquistada. Essa equação teve como resultado uma forte onda de saques. Os russos buscavam, entre outros bens, relógios e calçados de couro. Eram vistos pelas ruas, fardados, usando cinco ou seis relógios em seus pulsos ao mesmo tempo.

O choque cultural entre soviéticos e húngaros foi terrível. Talvez seja arriscado dizer que esse abismo social entre os países foi ainda mais chocante do que as atitudes dos soviéticos isoladamente. No mínimo, tais diferenças culturais e sociais foram um agravante. László Kapos, húngaro radicado em São Paulo, lembra que na época não achava que os russos fossem cruéis, e sim selvagens.

*-Eu vi russo que nunca tinha visto um espelho antes de chegar a Budapeste. A visão que temos hoje sobre a atuação do Exército Vermelho no período pode ser resumida pela violência, mas vai muito além.*

Seus exemplos dão o tom da descoberta russa:

*-Se depois da guerra os russos ocupavam um apartamento, não sabiam o que fazer com a cozinha. Faziam fogo no meio da sala para esquentar a comida!<sup>4</sup>*

O saque já não tinha como alvo o inimigo alemão, visava suprir uma carência de objetos básicos dos quais tinham sido privados pela rigidez imposta na União Soviética desde 1917.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, a famosa “Cortina de Ferro”, que simbolizava o isolamento do bloco soviético do resto do mundo, tinha seus limites estendidos pela primeira vez em anos. Mas seu horizonte, com fronteiras fortemente fiscalizadas, foi novamente traçado pelo governo... Não muito longe dali.

O grande problema para as mulheres húngaras, nessa época, eram os sucessivos casos de estupro, assunto que foi tabu até o fim do período de dominação soviética. Muitas simplesmente se recusaram a falar sobre o que viveram mesmo dentro das próprias casas. Um relatório da Embaixada da Suíça calculou que mais de 150 mil mulheres foram estupradas no período de ocupação da Hungria<sup>5</sup>.

Muitas eram capturadas pelos russos e abusadas sucessivamente, o que tornou o medo da captura recorrente entre as mais jovens.

---

4 KAPOs, Laszlo. *Entrevista concedida para a elaboração deste livro*, São Paulo, 2012

5 SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006



No apartamento habitado pela família Vezer e seus vizinhos, o objetivo era proteger Suzana e a mãe da Pequena Eva todas as vezes que os russos se aproximassem. Para as duas moradoras do apartamento, o plano era o seguinte: quando o exército chegasse ao prédio, deveriam sumir assim que ouvissem o aviso:

-Os russos estão próximos!

Não era preciso dizer mais. Percebendo a aproximação dos militares, pulavam a janela do banheiro e ficavam numa área de ventilação, isolada, que era como se fosse uma chaminé.

Silêncio absoluto.

Enquanto isso, Margit corria para esconder os cabelos com um lenço e as pequenas Evas observavam os homens acompanharem o movimento no prédio. Os soviéticos nunca chegaram a entrar de fato do apartamento que eles habitavam – mesmo assim, precisaram se preocupar com essa possibilidade por certo tempo.

Aos poucos, a cidade foi reconstruída e os habitantes voltaram às suas antigas rotinas. Jenö retornou ao laticínio que possuía antes da guerra – lá o leite era engarrafado e eram produzidos derivados, como queijo e manteiga. Grande Eva retornou à escola. A poeira foi varrida das ruas.

As primeiras partes da cidade a serem reconstruídas foram as pontes sobre o Danúbio, ligando Buda e Peste. Os edifícios que ficavam às margens do rio também foram privilegiados na fila da reconstrução; já nos bairros periféricos até hoje é possível encontrar marcas que jamais foram reparadas.

\*\*\*

Antes que os húngaros tivessem tempo de terminar de reconstruir suas pontes o mundo já havia descoberto o que era a Guerra Fria, conflito

que separou quem era influenciado pela União Soviética, que defendia o sistema comunista, de quem recebia influência dos Estados Unidos, que se baseavam no sistema capitalista.

Aqui cabe um parêntese: o que era a União Soviética? Quem estava à frente desse bloco?

Iosif Vissarionovitch Djugatchivili (e você pensando que a língua húngara é que era complicada) é o nome original do homem que ficou eternizado como Josef Stálin – o sobrenome foi escolhido estrategicamente quando ele começava a se destacar no Partido Comunista e significa “Homem de Ferro”. Seria uma designação prepotente, caso não estivéssemos falando do tirano responsável pelo maior número de mortes violentas da história moderna. Mais uma vez, trata-se de um título disputado.

Stálin ingressou no Partido Social Democrático em 1901 e teve papel ativo na revolução de 1917, que ficou famosa como a Revolução Russa, quando os bolcheviques tiraram os czares do poder e passaram a governar o país. Em 1922, era proclamada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS, na qual Stálin era o Secretário Geral do Comitê Central. A União Soviética tinha dimensão continental, e englobava além da Rússia, mais 14 países, entre eles a Ucrânia, a Letônia, a Lituânia e a Armênia.

Em 1924, com a morte de Lênin, líder do partido até então, Josef providenciou para que fosse seu sucessor. Entre suas principais metas estavam a nacionalização das terras e das fábricas e a industrialização do país – e ninguém poderia ousar entrar em seu caminho, nem mesmo os membros do próprio partido. Calcula-se que apenas na década de 1930 ele tenha sido responsável pela prisão ou execução de 20 milhões<sup>6</sup> de pessoas, na maioria seus próprios compatriotas. Quase dois terços dos quadros do partido comunista foram aniquilados nesse período.

O culto à personalidade promovido por Stalin é um capítulo a parte – na verdade, toda a sua vida merece atenção. Não à toa, mais de

---

<sup>6</sup> Dados extraídos de YENNE, Bill, *100 homens que mudaram a história do mundo*, / Bill Yene; tradução Roger Maiole. São Paulo, Ediuoro, 2004.

uma centena de biografias foram escritas sobre o líder. Aqui, no entanto, interessa sua capacidade de promover a própria imagem. Irene Popow, nascida na Ucrânia no período em que esta fazia parte da URSS e radicada no Brasil desde 1949, deixa claro em sua obra “Adeus, Stalin!” o poder que este tinha sob aqueles que viviam em território soviético:

*Deus não foi apresentado nem discutido na minha infância. A expressão “Deus me livre”, era escrita com “d” minúsculo e significava “de jeito algum”.*

*Deus, Deus mesmo, para mim era Stalin. Para mim e para todas as crianças da União Soviética. Ele era chamado de “nosso pai bem-amado”, “nosso querido guia e mestre”, “nosso querido e amado Stalin”, “maior governante de todos os tempos e de todos os povos”, etc.<sup>7</sup>*

O jornalista e escritor francês Georges Bortoli escreveu, depois de se dedicar 25 anos à questão russa:

*Não havia em toda a União Soviética uma única publicação, fosse ela livro, brochura, fascículo ou uma tese de química (...) ou de qualquer outro assunto que não contivesse várias referências ao seu pensamento e ao seu ensinamento. Foram poucas as festas de família, de casamentos, onde um brinde não lhe fosse dirigido – geralmente o primeiro. Na maioria dos apartamentos havia sua fotografia ou busto – réplicas das efígies pelas quais cidadãos são recebidos nas administrações, estações de metrô, salas de aulas e caixas de lojas (...). Ele é invisível, aquele que as aparições são raras como milagres. Mas também é onipresente, o olho que tudo vê.<sup>8</sup>*

Na Hungria não foi diferente. A famosa Praça dos Heróis, uma das entradas para o parque da cidade, em Budapeste, construída para ser um memorial aos que honraram sua nação, logo passou a ostentar uma grandiosa estátua de Stálin. A obra tinha 12 metros, base de mármore e corpo de bronze. No topo, o líder fora retratado com um sorriso benevolente. Era o começo da transformação.

---

7 POPOW, Irene. *Adeus, Stalin!* São Paulo: Objetiva, 2011, pág 19.

8 POPOW, Irene. *Adeus, Stalin!* São Paulo: Objetiva, 2011, pág 20..

A “russificação” da Hungria não tardou a aparecer em diversos aspectos.

Na política e na economia, a sina de país perdedor era responsável pela adequação do país a um padrão imposto pelas ordens soviéticas. Sob a influência deles, muito foi gasto com as dívidas do pós-guerra. Em 1946 e 1947, por exemplo, o orçamento destinado para indenizações foi oito vezes maior que a soma destinada à reconstrução do país<sup>9</sup>. 200 milhões de dólares tinham de ser pagos como indenização oficial para a URSS, além dos 50 milhões destinados aos países vizinhos que saíram como vitoriosos da batalha, Iugoslávia e Tchecoslováquia.

Se a economia caminhava na direção dos interesses do Kremlin, com a política não era diferente. Junto com as tropas dos russos, veio à Hungria um grupo conhecido como Moscovitas, composto de comunistas húngaros que haviam sido exilados por governos anteriores e estiveram na Rússia desde então. Dentre eles, reafirmando a sorte do povo húngaro, Mátyas Rákosi<sup>10</sup> foi escolhido como representante de Stalin em Budapeste.

No verão de 1945 esses comunistas instalaram-se nos escritórios do centro da capital, escritórios esses que antes haviam sido ocupados pela Gestapo, a temida polícia alemã. Uma de suas primeiras atitudes foi instituir uma reforma agrária no país, quesito que o deixava muito atrasado ante os demais - naquele período a Hungria ainda era um país predominantemente rural, embora quase metade das terras cultiváveis pertencesse a 1% dos proprietários.

Aos poucos, Rákosi percebeu que o caminho para o sucesso era reproduzir na Hungria tudo o que Stalin fazia na Rússia, incluindo a erradicação daqueles contestavam suas ideias. Era muito inteligente e

---

9 SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006

10 Na obra *Doze Dias*, o autor Victor Sebestyen afirma que “O homem que Stalin escolheu como seu representante foi Mátyas Rákosi. Seus crimes são pouco conhecidos fora da Hungria, mas, se tivesse atuado em palco maior, seria conhecido hoje como um dos grandes monstros do século XX, apesar da forte concorrência”. SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006.

lentamente conquistava seu espaço junto aos grandes nomes do Partido. Sabia falar 10 idiomas fluentemente, o que era um pré-requisito interessante para seu plano de vida: promover a revolução em todo o mundo.

De fato, teve uma trajetória de vida deveras interessante.

Prisioneiro de guerra, viveu na ilegalidade quando o comunismo era proibido na Hungria e foi um dos fundadores do Partido no país. É importante destacar, ainda assim, que esse senhor, cuja consciência estava tão cheia de vítimas quanto a de seu camarada Stalin, não tinha a aparência de herói que gostava de ostentar entre os húngaros.

Isso se torna ainda mais curioso se destacarmos o fato de que ele se fazia presente por meio de estátuas nos prédios públicos do país, mais uma vez imitando o que Stálin fazia com a própria imagem. Não que Stálin fosse alguém bonito de se admirar, mas Rakosi ficava ainda mais estranho na posição de figura cultuada: era um senhor baixo, gordo e calvo.

O dramaturgo húngaro Gyula Hágy resumiu sua aparência com a seguinte frase: “Era como se o Criador não tivesse conseguido terminar seu trabalho por repulsa”<sup>11</sup>.

\*\*\*

Os primeiros anos depois da entrada dos russos em Budapeste trouxeram muitas mudanças, mesmo para uma criança de 12 anos. Além de ver a paisagem se transformar pela janela, a vida de Eva aos poucos voltava para a rotina. Era o fim das férias forçadas, que haviam obrigado a menina a colocar os pés no chão, ao mesmo tempo em que haviam dado um belo par de asas para sua imaginação.

O apartamento tivera suas janelas reconstruídas. Eva foi matriculada em um colégio de freiras próximo a sua casa para o quinto ano do ensino fundamental.

---

11 SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006

Nascida e criada como católica, a menina logo se apegou à religião que lhe era ensinada.

Em casa as mudanças aconteceram rapidamente.

Tanto pela filosofia do comunismo quanto pela escassez de cômodos em Budapeste, uma vez que a cidade ainda se recuperava da guerra, logo ficou decidido que as casas deveriam ser divididas. Isso significava que cada família teria direito a um quarto – caso fossem pais e um casal de filhos, poderiam ocupar dois. O restante dos dormitórios deveria ser ocupado por outras famílias, e todos dividiriam as áreas comuns, como cozinha, banheiros e sala.

Para evitar a presença de desconhecidos e permanecer dentro da lei, já que seu apartamento possuía 4 quartos, Jenő optou por convidar pessoas para ocuparem os cômodos. Dessa forma poderia impedir que o espaço fosse dividido com pessoas completamente estranhas. Assim, um dos quartos ficou com o irmão do padre que ensinava Eva na escola e sua esposa, e o outro com um amigo que morava no interior, mas trabalhava em Budapeste durante a semana.

Aos poucos, tentavam se adaptar à nova rotina, enquanto os russos se impunham no poder. Além do impacto cultural e social, a fórmula ocupação alemã + ocupação russa trouxe grande impacto econômico para a Hungria. Ainda em 1945, cerca de 1/3 da indústria do país (então avaliada em cerca de 1 bilhão de dólares) estava sob o domínio do capital alemão. A chegada dos russos foi responsável pela transferência de 200 fábricas inteiras e das máquinas de outras 300 para a URSS<sup>12</sup>.

Jenő mantinha seu laticínio como podia.

Cerca de um terço das reservas de ouro e prata da Hungria foram tomadas pelos soviéticos. Rapidamente, a moeda húngara entrou em colapso, com inflação recorde.

\*\*\*

---

12 SEBESTYEN, Victor. Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos. São Paulo: Objetiva, 2006

Em 28 de dezembro de 1948 todas as empresas húngaras com mais de 10 funcionários foram estatizadas. Não era uma ação isolada, uma vez que naquele mesmo ano a estrela vermelha já pairava sobre os edifícios públicos e fábricas em todo o país. A Hungria caminhava para se tornar uma República Popular, com direito a tudo o que era exigido pelos moldes soviéticos. Nem a bandeira húngara escapou das intervenções: ela se manteve tricolor<sup>13</sup>, mas agora as listras vermelhas, brancas e verdes, tiveram o brasão que as acompanhava substituído (adivinha só), pelo martelo e a foice, símbolos da URSS.

Para Jenő essa foi uma grande mudança – o homem que antes tinha solução para tudo e ajudava boa parte de sua família, agora era obrigado a ficar em casa descascando batatas, ou seja, desocupado.

Além de perder seu negócio próprio para o Estado, Jenő ainda foi obrigado a carregar a herança de ter sido um capitalista, um fardo para quem vivia sob os olhos vigilantes dos russos.

A revolução trazida pelo regime soviético dessa vez foi interna, na casa dos Vezer.

Margit, graças ao curso de culinária que fizera com o chefe francês que uma vez passara por Budapeste, sabia calcular os ingredientes e calorias para fazer uma refeição contendo os nutrientes necessários. Por causa dessa capacidade, conseguiu emprego para chefiar a cozinha de uma escola para técnicos em construção. Lá era responsável por programar um cardápio saudável, da compra dos ingredientes à execução das receitas – um cargo deveras importante para alguém que nem mesmo era do Partido.

Jenő não se conformava. Ele deveria ser o provedor da família. Vinha de origem simples: nascera em um bairro de classe média-baixa onde fora ensinado que o homem era responsável pelo sustento do lar.

Foi assim que os papéis se inverteram pela primeira vez entre o casal

---

13 Atualmente, a bandeira da Hungria é um tricolor horizontal de vermelho (parte superior), branco e verde (parte inferior). Esse modelo é usado desde 1º de outubro de 1957.

- para Jenö restaram às batatas a serem descascadas, enquanto sua esposa era a responsável pelo sustento dos Vezer.

\*\*\*

1948 foi um ano de muitas mudanças para os Vezer.

Pouco mais de um ano antes, Suzana, a irmã dez anos mais velha que Eva, se separara do primeiro marido – a caçula tinha de confessar que, nesse período, pensou muito no inferno, o lugar para onde iam as mulheres divorciadas, de acordo com o que ela aprendera na igreja. Conhece o inferno? Aquele mesmo, repleto de labaredas imensas, que queimam por toda a eternidade.

Superado o trauma da separação, Suzana entrou na faculdade. Aquela vaga para o ensino superior era uma raridade: futuramente, no comunismo, o público escolhido para frequentar a universidade seria mais selecionado, ou seja, seguiria os interesses do Partido. Nos primeiros anos depois da implantação do regime, ainda era possível que uma pessoa com o histórico da irmã de Eva conseguisse estudar. A educação ainda não era item de luxo.

Sorte dela. E de todos nós.

Suzana foi parar na Faculdade de Economia de Budapeste, onde estudou por um ano. Lá, conheceu um homem de ascendência Tcheca, colega que partilhava de algumas de suas aulas e dúvidas. Estudavam matemática juntos.

Não se passou muito tempo até que se envolvessem... nem até que a URSS interviesse no romance. Os comunistas húngaros queriam que ele atuasse como espião a favor do Partido, com o qual ele não concordava. Aliás, abominava.

Como tinha o passaporte Tcheco, pois sua mãe viera de Praga, decidiu emigrar para lá.



Suzana o acompanhou – casaram-se no civil. Em Praga, no entanto, as chances de sucesso para o casal não eram muito grandes, já que o país também vivia sob a influência comunista. Lá viveram na clandestinidade por algum tempo, enquanto procuravam uma possibilidade, um destino final.

Naquela época, o Brasil era um dos poucos países que aceitava estrangeiros – de preferência aqueles que tivessem uma profissão ou qualificação, como era o caso de ambos. Conseguiram um visto para a terra da Amazônia e Jorge Amado, e para lá embarcaram em 1948. Era o começo de uma nova era para a família Vezer. Mas tudo tinha um preço: passaram-se 10 anos até que Suzana pudesse rever os seus.

Não à toa, até hoje, ela evita temas relacionados ao passado.

\*\*\*

Enquanto isso, na Hungria, nenhuma instituição social escapava da intervenção dos russos. Ao final do ano de 1948, a única forma de resistência organizada ao regime dos soviéticos era a igreja. Por “resistência” entenda-se instituição poderosa, que reunia certo número de pessoas e tinha força para propor mudanças – e disso os soviéticos não gostavam nem um pouco. A religião era praticada (pelo menos declaradamente) por 70% dos húngaros. Para os russos, os únicos que deveriam ser idolatrados eram os líderes do partido comunista. Nem Deus escapou.

A grande batalha entre a igreja e o poder político, àquela altura, eram as escolas católicas. A intenção dos comunistas era nacionalizar todas, e assim foi feito. Além disso, o Partido fez questão de reforçar o que pensava sobre religião demolindo as mais belas e tradicionais igrejas da capital húngara. No lugar de uma delas, a Regnum Marianum, situada na Praça dos Heróis, foi construída a tal estátua de Stálin, toda em bronze, com 12 metros de altura.

Em 1949, com as escolas já estatizadas, Eva viu seu mundo se transformar.

Àquela altura a menina já se tornara uma cristã fervorosa. Nascida católica por decisão dos pais e discriminada na escola durante a infância por imposição dos nazistas (por causa do histórico judeu, assunto do próximo capítulo), a verdade era que ela já não se sentia pertencente a nenhum dos dois grupos. Era complexo demais para quem só vivera 15 primaveras. A melhor forma que encontrou para esconder as dúvidas não esclarecidas foi se amparar, justamente, no catolicismo.

A confusão que sentia era externada por uma fé e um envolvimento crescentes com a religião cristã. No início, era fácil, o coral da igreja era seu refúgio. Lá encontrava seus amigos, com quem organizava passeios de bicicleta pela cidade. Liderados pelo padre Lajos, que uma vez fora um aspirante a tenor, cantavam sua devoção à igreja como forma de escapar das ordens dos comunistas.

Desde que o regime se intensificara, o coral da igreja tornara-se uma atividade clandestina: como era mal visto frequentar a igreja (podia arruinar suas chances de frequentar uma faculdade, por exemplo), era melhor que as pessoas não soubessem que o faziam.

Jenö não gostava do apego que a caçula tinha à igreja. Era frequente que esbravejasse:

-Você vai arruinar seu futuro! Arruinar! – e depois saía, batendo a porta atrás de si para mostrar seu descontentamento.

Quando veio a estatização, as simpáticas freiras que lecionavam no colégio de Eva foram substituídas por professores civis. Em sua maioria, esses docentes eram despreparados para o cargo eram vistos estudando a matéria junto com os alunos. Como era de se esperar, Eva sentia que deveria fazer de tudo para que eles fossem embora e a igreja voltasse a dominar o ambiente escolar.

Tornou-se, então, uma líder entre os próprios amigos...

Uma líder cuja conquista mais efetiva foi prejudicar apenas a si mesma. Talvez. Para ela, naquela situação, era impossível se conformar.

\*\*\*

Chegou o inverno de 1949.

Eram quase quatro anos completos da dominação soviética na Hungria, e já se podia notar a situação de escassez em que viviam – a cidade permanecia escura, empoeirada e ninguém tinha carro ou mesmo roupas novas, a não ser os membros do Partido.

Não era de se estranhar que a escola da menina não tivesse aquecimento central. Naquele caso, isso era um grande problema, pois em Budapeste, no inverno, as temperaturas podem chegar a muitos graus negativos, o que foi o caso justamente daquele dia.

Eva mal conseguia se concentrar devido ao frio que sentia (mesmo bastante agasalhada) e via que a situação era a mesma para seus amigos. No intervalo, reuniu um pequeno grupo e anunciou:

- Se amanhã de manhã chegarmos para a aula e não houver calefação, voltaremos todos para nossas casas! – era o espírito de liderança se pronunciando para os colegas em um dos intervalos daquele dia gélido – Não podemos aceitar essa situação!

No dia seguinte, como era de se esperar, ao entrarem na escola constataram a mesma temperatura negativa do dia anterior. Mas ninguém tinha coragem suficiente para ir embora.

Eva tinha.

No intervalo, reuniu cinco amigas que juntas decidiram que o melhor seria voltarem para casa e assim o fizeram. Não era admissível ter aulas naquelas condições! Pegaram o bonde e voltaram, reunidas, para a

casa de Eva em Peste. Era impossível esconder o riso típico do adolescente que se divide entre o nervosismo e a sabedoria de quem tem 15 anos e a clareza de que está fazendo o que é necessário.

-Vamos jogar buraco?

Passaram o tempo entre as risadas e o jogo de cartas. Chegaram a esquecer de que aquele era o período de aulas. Cerca de uma hora depois, foram interrompidas pelo som do telefone.

-Alô?

-Eva, a escola está um rebuliço e é por causa de vocês.

-Como?

-Os professores perceberam a ausência... E estão pensando em expulsá-las. Se eu fosse vocês, voltava para cá. Antes que seja tarde!

Não tinham escapatória, pois com os soviéticos não havia discussão ou argumentação.

Elas precisavam voltar para a escola o quanto antes. Como álibi, cada uma carregou um pouco de lenha nas mãos. Na chegada, perante o olhar desconfiado dos professores, explicaram, em uníssono:

-Fomos para casa buscar lenha, pois está muito frio aqui na escola! – o sorriso das moças já não mostrava tantas certezas como antes.

A brincadeira resultou numa advertência que ficou no currículo delas até o fim de sua vida escolar.

No ano seguinte, 1950, a revolução particular de Eva prosseguiu: decidiu que pararia de ir à escola durante os dois semestres letivos. Ela via na ausência a única forma possível de protesto. Aproveitou o período para aprender taquigrafia e datilografia.

\*\*\*

Durante o comunismo havia uma coisa que todas as crianças sabiam de cor: não se repete na escola aquilo que se ouviu dentro de casa. Isso valia para todas as classes sociais e idades – não se sabia quem era confiável e quem não era, por isso as opiniões pessoais nunca eram comentadas em público. “As paredes têm ouvidos”, diziam. Nunca se sabia quem denunciava: se era o vizinho, o chefe, um colega de escola... Mas se a campanha tocasse no meio da noite, o destino era um só: o prédio da ÁVO.

A ÁVO era a sigla de *Allamvédelmi Osztály*, que significa Departamento de Segurança do Estado. Para quem conhece os feitos da KGB, polícia responsável pela URSS no período, basta saber que se tratava de uma organização que seguia os mesmos moldes. Era a base do estado mais brutalmente policiado do leste europeu.

Basicamente, a tarefa da ÁVO era eliminar aqueles que faziam oposição ao partido. É por isso que se tornou usual sentir *csengöfrász*, a palavra húngara criada para significar “medo da campanha”, justamente por causa das visitas noturnas que faziam. Com seus uniformes azuis e verdes e seus carros *Poboda* de cortinas pretas, estavam por toda parte. O chefe da ÁVO, Gábor Peter era o segundo homem mais odiado de toda a Hungria – perdia o título apenas para Rákosi, o fiel súdito de Stalin.

Aliás, era esse o nome que levava a rua onde a sede da polícia estava localizada no número 60. Rua Stálin<sup>14</sup>. Na época, muitas ruas receberam nomes de ídolos comunistas. A mesma avenida posteriormente se chamou Avenida do Povo, antes de voltar a receber seu nome original, Avenida *Andrássy*, que possui até hoje.

No mesmo número 60 onde um dia estive a sede da ÁVO, atualmente está localizado o *Museu do Terror*, que conta a história dos nazistas e comunistas na Hungria. É uma fonte de preservação da memória do ocorrido no país no século XX – é possível, por exemplo, visitar as celas onde ficavam os prisioneiros.

14 Dados extraídos de SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006.

Lá foram protagonizadas algumas das mais cruéis cenas de tortura do período, todas com o propósito de obter confissões dos possíveis opositores do regime. Ou de qualquer um que gerasse desconfiança em alguém. A prática preferida dos torturadores era o “ferro curto”, que consistia em prender uma corrente nas mãos e nos pés dos prisioneiros – a corrente era pequena e, dessa forma, os presos eram obrigados a permanecer com o corpo curvado, às vezes por um dia inteiro.

Constituída por 48 mil homens durante o fim dos anos 1940 e início da década seguinte, a ÁVO se dividia entre diversas funções que visavam o patrulhamento da população – desde vigiar as fronteiras até extrair confissões detalhadas daqueles que eram considerados ameaçadores para o sistema. Às vezes, nem era preciso conseguir os relatos de traição: bastava escrevê-los e *pressionar* os prisioneiros para que assinassem – pessoas que nunca haviam saído do país chegaram a detalhar viagens que teriam feito para se unir aos capitalistas franceses, por exemplo. Os altos oficiais recebiam um salário 20 vezes superior ao do cidadão comum.

Talvez a grande força da ÁVO fosse resultado de sua rede de contatos com a população civil: nunca se sabia quem era e quem não era informante da polícia. Isso Eva aprendeu desde pequena - não poderia confiar em quem não fosse da família. Muitos pais, com medo de que os filhos os “dedurassem”, evitavam falar de suas opiniões na frente dos pequenos. Nas escolas estatizadas, os jovens eram incentivados a relatar detalhes sobre o que ouviam em casa – fazia parte da estratégia do regime para identificar possíveis revoltas da população.

Para Eva chegavam relatos variados sobre o que acontecia nas fronteiras: se um cientista ia trabalhar na Alemanha, e aproveitava a oportunidade para fugir, era certo que seus parentes que permanecessem no país sofreriam represálias. Nas Olimpíadas, por exemplo, muitos atletas aproveitavam a oportunidade para escapar – mas só tinham coragem para fazê-lo, de fato, aqueles que não tinham parentes próximos. Todos sabiam que as consequências eram duras.

Além disso, dezenas de milhares de civis foram levados pelos soviéticos para os campos de trabalho forçado na Sibéria, muitos dos quais só reviam suas famílias uma década depois da separação.

A jovem Eva só conhecia o comunismo – outras formas de viver, só tinham chego até ela através de livros e relatos. De alguma forma, por mais incrível que parecesse, acostumara-se. Mas isso não excluía o cuidado de sua rotina.

Calcula-se que quase um milhão de húngaros eram informantes regulares da polícia, ou seja, uma em cada dez pessoas. Os melhores, de acordo com um relatório da própria ÁVO, eram os limpadores de chaminé ou cobradores de aluguel, que circulavam livremente pelas casas das pessoas e faziam amizades com facilidade<sup>15</sup>.

\*\*\*

Por causa das revoltas dos religiosos, logo os soviéticos admitiram o retorno das freiras para as escolas – elas ainda eram impedidas de usar o hábito, mas podiam lecionar. Era 1951, o ano que Eva voltou a estudar. Mesmo com o retorno das professoras, todos eram cuidadosos para dizer o que pensavam. O ensino também era cauteloso para evitar atritos com o governo.

Se sentissem vontade de criticar algo, era preciso fazê-lo aos sussurros.

Eva já não era uma menina: naquele ano completaria 18 anos. Voltou para os bancos escolares para concluir os estudos. Aos poucos, alguns amigos desviaram para o caminho do partido. O senso crítico aflorava a cada dia.

Uma colega querida, antes participante, como ela, do coral da igreja, começou a namorar um rapaz do partido. Logo que a escola voltou para as

15 SEBESTYEN, Victor. Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos. São Paulo: Objetiva, 2006. Pág 65.

mãos das freiras, ela se transferiu para um colégio estatal – só sabia falar do partido e do futuro marido!

Eva também não escapou das tentativas de assédio daqueles que compactuavam com o sistema. Mas não conseguia se acostumar.

-Vamos ao cinema. É a última vez que vou convidar! – disse um colega.

Mentira.

No dia seguinte, ele insistiu novamente.

-Vamos, Eva!

Relutante, ela aceitou.

Logo que entraram na sala de cinema, como de costume ela viu que lá estavam as estátuas de Stálin e Lênin, uma de cada lado da tela. Abaixo de cada uma delas estava grafada uma frase da obra de seu respectivo homenageado. Antes que o filme tivesse início eram exibidos avisos e saudações ao partido.

Eva começava a pensar que aquilo talvez fosse demais para ela.

-Está gostando? – sussurrou o ansioso pretendente.

-Como ela não iria gostar? – do outro lado do jovem, seu pai comentava, sem ser convidado. Aliás, ela não sabia se ele fora convidado para o encontro, mas o fato é que o pai e a mãe do colega os acompanhavam naquela tarde. Ele, percebia-se logo, era um fiel partidário dos comunistas.

Como esperado, aquela família escolhera um filme tão comunista, mas tão comunista que a jovem Eva não conseguia nem prestar atenção ao empenho do rapaz para agradá-la.

Fez questão de que não se encontrassem nunca mais.

Essas cenas eram mais comuns do que se pode imaginar. Aos poucos, o governo ia agregando mais e mais aliados. Muitas pessoas, cansadas de



sofrer repressão em certos aspectos da vida, e também visando facilitar o futuro dos seus filhos, passaram a compactuar com o regime.

Nesse cenário vermelho, na medida do possível, Eva Vezer se tornava adulta, como todos. Às vezes, Suzana enviava algumas roupas usadas do Brasil para Budapeste – as peças demoravam cerca de três meses viajando de navio até chegarem às mãos da destinatária. Não importava: para quem vivia numa situação onde tudo é regulado pelo sistema, receber aquelas roupas era como ganhar na loteria!

Rapidamente Eva e Margit dividiam os presentes.

-Não mãe, esse vestido não é para a sua idade, deixe para mim, por favor!

Se fosse preciso, alguma costureira realizava os ajustes. Estava pronto: era um figurino de gala se comparado com o das amigas. Eva ficava bela e radiante. Era uma das poucas oportunidades de se diferenciar.

# Não há mulher que caminhe como as húngaras

A fotografia sempre estivera lá em cima da mesa.

Era uma forma de se manter próxima de sua filha caçula quando já não tinha tanto tempo para cuidar dela quanto tivera no passado. A filha também não era assim tão pequena a ponto de precisar de seus cuidados – àquela altura da vida já estava próxima dos 20 anos de idade. Mas coração de mãe você sabe como é, quer cuidar da cria sempre que pode.

Margit tinha orgulho em exibir a foto. Eva, com os cabelos em um suntuoso topete, olhava descompromissada para o horizonte... Sem saber que, do outro lado da imagem o “horizonte” a olhava de volta. László, na época um simples professor da escola técnica onde Margit Vezer trabalhava, não cansava de encarar aquela moça que insistia em olhar para o futuro, mesmo em tempos tão complicados como os que viviam.

Tudo começou com uma reclamação.

O jovem professor foi à sala da nutricionista Margit para reclamar de algo que não gostava no cardápio. Logo a crítica tornou-se insignificante, pois ele fora distraído por uma fotografia em cima da mesa.

Poucos dias depois, ele voltou cheio de coragem. Nem se preocupou em esconder o interesse na voz:

-Margit, quem é a moça dessa fotografia?

Da mesma forma, ela não se preocupou em esconder seu orgulho quando deu a resposta:

-É minha filha mais nova, Eva.

Não demorou para que o jovem László Matravolgyi transformasse seu interesse em insistência. Ele nascera no interior da Hungria, em uma aldeia chamada *Piszke*, mas fora criado em *Esztergom* que fica a uma hora de Budapeste. Era professor da mesma escola que formava técnicos de construção onde Margit trabalhava. Morava na escola, que ficava em Buda, assim como outros professores. Sempre que sobravam alguns minutos entre as aulas, ele ia visitar a fotografia da moça de olhar vago, e pedir para a mãe dela que os apresentasse.

- *Por favor!*

Insistiu tanto que ela cedeu. Traria a filha para uma festa da escola e o jovem teria sua chance.

Naquele dia, László foi para sua casa mais feliz que de costume. Tinha encarado tanto a fotografia que agora mal podia esperar para encontrá-la em carne e osso! Em Peste, do outro lado do Danúbio, Eva não ficou assim tão feliz com a ideia de comparecer à comemoração: tinha exames e precisava estudar. Mas a insistência de sua mãe foi tanta (a essa altura, Margit tinha de confessar que se encantara com a ideia de um pretendente para a jovem) que logo Eva também foi contaminada pela vontade de conhecer aquele jovem professor.

Chegou o dia do encontro.

Eva escolheu uma saia cinza justa e uma malha cor de framboesa, para combinar. Passou pó de arroz, batom e calçou os sapatos de salto igualmente avermelhados (mas confortáveis o suficiente para dançar), enquanto, do outro lado da cidade, o pretendente estava vestido com seu único terno, acinzentado, e alinhava o cabelo pela última vez. Conferiu o resultado no espelho antes de se dirigir ao salão.

A expectativa era grande... Mas ao primeiro olhar, os dois desviaram.

Ele olhou para os pés, ela perguntou para a mãe alguma coisa sobre a música. Mas Margit não era de se deixar enganar pela timidez dos jovens.

O salão era grande, do lado direito estava uma mesa com petiscos, frios e sanduíches e do esquerdo a vitrola tocava jazz. Não demorou para que a festa estivesse cheia, pois compareceram todos, diretores, cozinheiros e professores. Margit, como foi dito, não era mulher de perder tempo – além disso, tinha passado meses sendo alvo das insistências do rapaz para que ele agora desviasse os olhos – e tratou de apresentá-los logo que viu o professor do outro lado do salão.

Ele sabia que não ia se decepcionar.

Pessoalmente, achou Eva tão bonita que não sabia por onde começar a conversa. A princípio ela notou que o terno dele estava fora de moda, mas logo se perdeu no assunto, o suficiente para começar a ver certo charme no visual do rapaz. Falaram um pouco de tudo. Ela contou sobre seus estudos: estava prestes a fazer o *Erettsegi* (pronuncia-se eretchegui), exame que marcava o final dos anos escolares na Hungria. Ele ouviu atento, em parte porque a conversa saía melhor que o esperado, mas também na esperança de que pudessem evitar a pista de dança. Não era bom dançarino e não gostaria de mostrar isso logo no primeiro encontro com a moça.

Infelizmente para o jovem László, foi inevitável: ela era muito boa no foxtrote, e ele estava disposto a fazer um esforço para tentar acompanhá-la. Dançaram a noite toda e, antes de se despedirem, ele conseguiu algo que valeu por todos os meses de insistência... O telefone de Eva.

Ligou no dia seguinte.

\*\*\*

O primeiro telefonema envergonhado logo foi substituído por um mais confiante. Rapidamente ele adotou uma estratégia eficaz: quando ela atendia, ao invés da voz de Laszlo, escutava a canção cigana que diz *Fekete száru cseresznye rabod lettem szép menyecske*<sup>16</sup>.

16 Em tradução livre, significa: “O talo preto da cereja, fiquei escravo da moça bonita” (o “talo preto da cereja” é uma referência aos cabelos morenos da mulher amada).

Do outro lado da linha, Eva se derretia.

Na Hungria a música cigana é das mais populares, diz-se até que os húngaros se reúnem para escutar essas canções e chorar, uma referência ao gosto tanto pela música quanto pelos dramas. São músicas de amor, geralmente não correspondido, executadas pela combinação de vários violinos com percussão. No caso de László, funcionava – logo os telefonemas se transformaram em convites para jantar e ir ao teatro, que evoluíam para encontros cada vez mais longos e felizes.

Na casa dela, László logo recebeu a aprovação paterna – Jenő considerou o professor um homem completo. Depois de dois meses Eva foi para Esztergom conhecer a mãe e a irmã do namorado. Ficou nervosa, já que ele gostava muito das duas. Queria agradar.

Foi muito bem recebida pela família, como a namorada do filho mais velho. Naquela época, ela ainda não sabia que aquela seria a última vez que estariam juntas em um mesmo ambiente nos próximos anos.

O namoro ia bem e o casal estava muito feliz – ainda que para ele, casar-se com a filha de um “ex”-capitalista pudesse significar o fim de sua carreira. No comunismo, todos tinham sua “ficha” acompanhada de perto pelo governo, o que significava que aquele relacionamento poderia ser um grande empecilho para o futuro dele. Ela não tinha muita opção, estava condenada pelo sangue que a ligava ao pai e ao laticínio que este uma vez possuía.

László costumava dizer, nos anos seguintes, que ele e Eva se conheceram em abril, casaram em outubro e tiveram sua primeira filha em dezembro. Era uma verdade parcial – de fato, conheceram-se em abril e casaram em outubro, mas Marta Eva Matravolgyi nasceria apenas em dezembro do ano seguinte, 1954.

\*\*\*

Eva estava caminhando na rua em um domingo, perdida entre os pensamentos sobre o novo namorado e as compras que sua mãe pedira para o almoço. Estava acompanhada de uma amiga e conversavam sobre banalidades.

De relance, viu um homem parecido com seu pai mais adiante, na calçada. Não se preocupou o suficiente para olhar mais de uma vez, já que naquela manhã o pai tinha saído cedo, sem dar muitas explicações. Deveria estar ocupado com algum negócio. Ele não costumava se explicar muito – geralmente, eram as mulheres da casa que deviam explicações para ele.

Alguma coisa nos movimentos dos transeuntes na calçada ao lado fez com que ela olhasse novamente.

Sua boca ficou seca instantaneamente.

Era seu pai.

Mas não apenas isso. Estava abraçado a uma mulher que aparentava ter seus 30 anos. Belíssima.

Por um segundo, seus olhares se cruzaram, mas ele logo seguiu em frente, caminhando na direção oposta, ainda abraçado com a jovem.

Eva ficou parada, atordoada, por quase um minuto. Não sabia o que dizer à amiga. Sentiu-se completamente deslocada. Tal qual seu pai, fingiu que nada acontecera. As duas amigas seguiram em frente.

Nunca comentaria aquele encontro com o pai – e só descobriu quem era aquela mulher no dia da morte de Jenö.

\*\*\*

Cansado de descascar batatas, Jenö decidiu que o caminho para conseguir um emprego novamente, nas circunstâncias impostas pelos

comunistas, era trabalhar como auditor. Para isso, precisava se especializar na área da contabilidade.

Deu certo, e ele logo arranhou um emprego na parte administrativa de um escritório, enquanto estudava para obter o diploma de auditoria.

Seu dia começava como o de muitos outros trabalhadores, com a leitura do jornal o Povo Livre escrito e editado pelos comunistas - e também o único que estes permitiam que fosse lido. A imprensa, como em qualquer regime autoritário, era uma arma de propaganda vital para a manutenção do regime na visão dos comunistas.

Apesar de terem emprego garantido, a situação do tal povo livre era miserável: era necessário trabalhar um ano e meio para que uma mulher tivesse dinheiro para comprar um vestido, ou para que um homem pudesse comprar um terno – já usado e surrado, pois eram os únicos disponíveis.

Itens de luxo como carros e roupas da moda eram exclusivos dos comunistas. Todos tinham acesso à educação e à cultura, mas tudo de acordo com as restrições impostas pelo partido. Eram muito pobres, mas se deram conta disso apenas quando conheceram outras partes do mundo, que naquele momento estavam do lado de lá da fronteira.

Um dia a leitura do Povo Livre foi interrompida, tanto no trabalho de Jenö quanto no de Margit. Era 5 de março de 1953. A alguns quilômetros de distância, no Kremlin, Josef Stalin morrera vítima de um coágulo no cérebro – até hoje se especula se esse foi mesmo o motivo de seu falecimento, mas o coágulo é mantido como causa oficial.

No escritório todos estavam comovidos com a morte do líder. Cambaleando em sua tristeza, Jenö foi ao banheiro... E comemorou, com pulos de alegria! Ela só não era completa por causa da insegurança daquilo que viria a seguir. Mas o carrasco estava morto, e o momento era de celebração.

Por semanas, muitos ficaram de luto. Aqueles que queriam comemorar eram obrigados a fazê-lo de cortinas fechadas. E como comemoravam!

\*\*\*

Era fato que ele se reerguera.

Depois de trabalhar como capitalista, dono de um laticínio, por algumas décadas, ele teve seu negócio tomado em duas oportunidades: por causa de seu histórico judeu durante o regime nazista e, posteriormente, pelos soviéticos durante o regime comunista. Agora, Jenö Vezer finalmente tinha o controle de sua vida nas mãos.

Passara alguns dias em casa, sem rumo, descascando batatas, e chegara a questionar a própria capacidade. Mas era jovem, um homem à frente de seu tempo. Não seria depois de escapar do inferno nazista e da ditadura comunista que ele se entregaria.

Ser auditor. Esse era o caminho para recobrar sua moral.

Desde que a empresa lhe fora tomada, em 1948, ele se esforçava ano a ano para se reerguer. Em 1953, fizera um curso e até arranjava um emprego, começando do zero na nova carreira. Era um homem de contatos e, modéstia a parte, sabia se virar muito bem na hora de lidar com as pessoas.

No dia do exame final, que lhe consagraria com o título de auditor, ele acordou especialmente animado. Era 6 de outubro.

Olhou para a família com um carinho especial. Sentia falta de Suzana, que agora vivia no Brasil, era verdade. Eva já estava encaminhada, trabalhava e tinha um namorado igualmente esforçado, que ele aprovava. A esposa o surpreendera revelando-se uma mulher dedicada ao trabalho e capaz de garantir o sustendo da casa quando fosse preciso.

Escolheu o seu melhor terno, que não era grande coisa naquele tempo de comunismo. Sentia-se estranho, mas aquilo devia ser por causa das mudanças que estavam por vir – quem sabe, poderia ser promovido se fosse aprovado no teste daquele dia.

Pensou no exame que deveria enfrentar. Sentia-se preparado. Saiu



de casa sorrindo, mas procurava esconder a emoção. No tempo em que “as paredes tinham ouvidos”, qualquer exagero poderia parecer suspeito e ele não queria correr esse risco quando tudo finalmente parecia estar voltando ao seu controle.

Tomou o bonde.

Reparou em como o veículo estava com aspecto precário, transportando pessoas demais. Alguns acentos sofriam com a força do tempo e já não estavam inteiros. Observou as ruas, nas quais se podiam ver muitos transeuntes e quase nenhum carro. Vez ou outra aparecia um veículo do partido. Ninguém ousava encará-lo por muito tempo, pois tudo que poderia parecer suspeito era evitado. E tudo o que pudesse parecer que estava sendo evitado por ser suspeito, também era evitado. Tudo era evitado. Em público, basicamente, eram todos sérios.

Conversava-se bastante sobre o tempo.

Observou um café que costumava frequentar nos anos anteriores à guerra. Como havia sido bonito! Na mesa do canto esquerdo, próxima à porta, sempre se sentava um poeta de quem não se recordava o nome. De segunda à sexta, invariavelmente, ele estava lá, levemente embriagado, falando sobre a vida. Era sabido de todos que pagava as contas com seus poemas, mas ninguém o condenava por isso.

Era uma prática comum na Budapeste dos anos 1930. Lembrou-se da vida boêmia que levava a cidade... Parecia impossível acreditar, agora que olhava as ruas que misturavam a destruição que restara da guerra com as portas fechadas desses estabelecimentos, que um dia haviam sido tão cheios de vida. A Budapeste dos anos 1930, em sua memória, era a cidade luz.

Perdeu seu olhar por alguns segundos, até que se deparou com a cabeça de Stalin, que se sobressaía entre as edificações. Pudera: a estátua de bronze tinha 12 metros de altura. No trajeto de bonde ele já cruzara com a imagem de Stalin algumas vezes, era verdade, aliás, inúmeras estátuas

do líder continuavam espalhadas pela cidade. Mas Jenö considerava aquela estátua imensa era especialmente assustadora, devido ao sorriso estampado no rosto do tirano. De tão benevolente, parecia quase sádico.

Desceu do bonde.

Ainda precisaria caminhar por alguns quarteirões. Sentiu-se diferente, mas não era homem de reclamar. Foi em frente. Pregada em um poste, estava uma cópia do jornal Povo Livre rasurada por alguém corajoso o suficiente para arriscar sua vida para desafiar o governo.

Entrou no prédio. Sentiu um aperto no peito. Logo reprimiu a dor – afinal, não era homem de nervosismos! Era um pai de família, e precisava daquele diploma para reafirmar seu papel.

Subiu as escadas.

Quando entrou na sala de exame, reconheceu um velho amigo, também um ex-capitalista, que provavelmente buscava o mesmo que ele. Procurou esquecer-se do desconforto que sentia. De fato, era uma situação nova estar ali. Aquele era o ano das mudanças: no âmbito coletivo fora a morte de Stalin, sete meses antes. No âmbito pessoal, a reviravolta acontecia agora.

Silêncio na sala. Foram distribuídas as provas. Teriam duas horas para responder as perguntas e devolvê-las ao responsável, que aguardava ao lado da porta.

Questão 1. As mãos suavam. Sentiu vergonha, e tentou se concentrar de novo. Leu a pergunta mais uma, e outra vez. Respirou fundo. Ao seu lado, a sala estava cheia de homens e mulheres, que escreviam, sem notar sua aflição.

Foi naquele dia, 6 de outubro de 1953, quando buscava reafirmar seu valor depois de uma longa trajetória de privações, que Jenö Vezer teve um infarto fulminante e morreu em pleno exame final.

Em sua carteira, foi encontrado algum dinheiro e uma única fotografia: a de Iren.

\*\*\*

Foi um velório simples, cheio de tristeza por uma morte repentina de quem ainda não tinha chego aos 60 anos.

Entre as coroas de flores, uma se destacou. Eram apenas três palavras, mas elas saltaram aos olhos da jovem Eva: “Com amor, Ibolyá” (lê-se *Iboió*).

Na hora, veio à sua mente a imagem daquele domingo em que vira o pai passear nas ruas de Budapeste ao lado de um jovem lindíssima. Só podia ser ela.

Nos dias seguintes, pediu que László investigasse, entre os amigos do pai, para descobrir, de uma vez por todas, quem era aquela bela mulher.

A resposta foi surpreendente. E boa. Surpreendentemente boa.

Ibolyá era sua irmã.

Cerca de dois anos mais velha que Suzana (e quase 12 a mais que Eva), era fruto de um relacionamento que Jenő tivera antes de conhecer Margit.

Arranjou-se um encontro para que as duas se conhecessem...E não demorou para que se tornassem grandes amigas. Jenő ficaria orgulhoso.

\*\*\*

Era estranho se preocupar com o lar, quando o luto pelo pai ainda não completara uma semana. Fora tudo muito repentino. Em meio às lágrimas, Eva e Margit observavam o apartamento em que viviam, pensando que os russos poderiam chegar a qualquer momento trazendo um novo morador.

Restavam apenas mãe e filha, e isso significava que não precisavam mais de dois cômodos: poderiam dormir juntas e liberar um quarto para que fosse ocupado por uma outra família.

Os demais habitantes do primeiro andar da *Jozsef Körut* também pareciam tensos, apesar de que, depois de anos de convivência imposta, já não se falavam com a frequência de antes – até os horários para uso do banheiro eram divididos e tabelados.

Em uma tarde chuvosa de outubro, encontraram uma solução. Não havia tempo para cerimônias, por isso, logo que tomaram a decisão, László e Eva chamaram Margit para contar:

-Vamos nos casar! – apesar das circunstâncias, sorriam.

Sabiam que se assim o fizessem, constituiriam uma família de um casal e uma senhora viúva, o que permitiria que permanecessem ocupando dois quartos do apartamento. O romance foi catalisado pelas circunstâncias.

Providenciaram para que o casamento civil acontecesse logo: era a solução de um problema antes de ser uma realização pessoal. Ainda assim, Tia Mimososa fez um almoço em casa para reunir os amigos mais queridos do casal naquele 31 de outubro. Se não tinham direito a escolha, pelo menos desfrutaram de uma tarde com deliciosas comidas e boa música.

A alegria durou pouco.

Poucos dias depois de oficialmente casados, veio a convocação: László deveria servir ao exército de seu país. O serviço não era muito pesado, mas exigia que ele passasse a semana toda fora de Budapeste. Via a esposa aos finais de semana. Desde essa época, passaram a ser o casal Matravolgyi.

Na Hungria, por tradição, a família leva o sobrenome do noivo. O da esposa deixa de existir na data do casamento. Foi assim que Eva Vezer passou a se chamar Eva Matravolgyi, aposentando o sobrenome que trazia de família.

Família. Era contraditório: László estava formando uma nova família a custa da perda de outra, pois seus pais não aceitavam sua união com Eva. Era o passado judeu, mais uma vez perseguindo a família Vezer. Se ainda

hoje o preconceito contra os judeus na Hungria é muito forte, uma década depois do Holocausto ele ainda estava à flor da pele e afetava, em maior ou menor escala, a vida daqueles que tinham sobrevivido.

Além disso, sabiam que a união podia custar a László complicações no seu emprego, por conta da perseguição dos russos. Era a dupla condenação para o noivo: a filha de um capitalista com histórico judeu.

Mãe é mãe, em qualquer década, em qualquer país: preocupava-se com o futuro do filho. Como era de se esperar, os Matravolgyi, pais de László, recusaram o convite para a celebração do casamento, para o qual compareceram apenas amigos do casal e a família de Eva.

Contrariando as expectativas, para adoçar essa história, naquele dia o amor triunfou.

A noiva também fazia questão de uma celebração religiosa. Igrejas eram muitíssimo mal vistas naquele período, mas sabendo que a união já arruinara suas chances ante os comunistas, László não se importou em desafia-los mais uma vez. Prepararam-se para realizar a façanha alguns meses depois.

Em 26 de abril do ano seguinte, 1954, chegou a data tão aguardada.

Eva não poderia ter luxos em seu dia de noiva. Embelezou-se com um botão de rosa amarela, que levava nas mãos – naquela ocasião, a flor era vestido branco, buquê, véu, era seu pai caminhando com ela até o altar. Marcha nupcial. Era banda, era lista de convidados. Era o terno do noivo, eram os sorrisos e a chuva de arroz.

Era o botão de rosa mais bonito que já existiu em toda a Hungria.

Foram de bonde.

Estavam presentes apenas um amigo de Jenő, como padrinho da noiva, e um amigo de László, como padrinho do noivo. O padre era um conhecido em comum, que viera do interior especialmente para a ocasião.

A igreja não era muito frequentada, por isso algumas janelas estavam fechadas e presas com estacas. Era um espaço grandioso, repleto por bancos de madeira. A luz do Sol atravessava os vitrais coloridos, posicionados no ponto mais alto do ambiente, perfumando-o com o aroma das flores que não foram usadas na decoração.

-Eu aceito!

O silêncio serviu apenas para deixar aquele momento mais bonito. A harmonia do casal e a certeza da união preenchiam quaisquer lacunas deixadas pelas circunstâncias. Era meio dia quando a igreja de *Szent László* (São Ladislau) uniu Eva e László Matravolgyi até que a morte os separasse.

Voltaram de bonde.

Marta Eva Matravolgyi, a primeira filha do casal, nasceu em 30 de dezembro daquele mesmo ano.

# Um souvenir volátil

Depois de quase três décadas morando em São Paulo, László ainda ficava com lágrimas nos olhos na hora de falar sobre os últimos meses que vivera na Hungria. A memória do que viu nas ruas voltava fresca assim que ele iniciava o relato sobre a Revolução Húngara de 1956.

A revolta foi o ápice do inconformismo com a submissão: como se os húngaros tivessem cozinhado todas as regras, o medo e as mudanças impostas pelos russos ao longo daquele dez anos de reconstrução depois da Segunda Guerra Mundial. Agora, a panela fervia a ponto de explodir e o conflito era inevitável.

Queriam recuperar o poder sobre o próprio país.

Quem acendeu o pavio foram os estudantes universitários. Eram os responsáveis por dar voz aos questionamentos de toda a nação sobre miséria e a falta de liberdade que imperavam na Hungria. No dia 22 de outubro de 1956, houve uma reunião na Universidade Tecnológica de Budapeste que teve início sem plano de ação, sem lideranças específicas, movida apenas pela vontade de provocar. Provocar uma mudança, uma reflexão, uma luta.

Quando o encontro desse dia acabou, havia sido elaborado um documento que ficou famoso como um dos marcos da revolta. Eram “os dezesseis pontos”, que narravam as mudanças que eles desejavam para seu país.

No dia seguinte, reuniram milhares de pessoas em um protesto. Marchavam pelas ruas, atraindo cada vez mais adeptos para sua causa. Quando atravessavam um bairro central, alguém teve a ideia de cortar

o martelo e a foice do centro da bandeira nacional e atirar para um dos manifestantes. A sugestão foi acatada e todos fizeram o mesmo com as bandeiras que possuíam. Fora criado outro símbolo importante da revolução: a bandeira tricolor com um buraco em sua parte central.

Quando eram quatro e meia da tarde, os estudantes marcharam até o Parlamento, um dos marcos da paisagem húngara, em Peste. Aquilo já não fazia parte do plano inicial, mas percebendo a força que tinham ao manifestar o desgosto comum, ninguém tinha vontade de voltar para casa.

Sozinha em seu apartamento, Eva chorava. Um choro cheio de esperança.

O marido estava fora da cidade, a trabalho, e Margit ainda não voltara da escola. Estava sozinha com a filha Marta, de um ano e meio, que naquela noite fatídica ardia em febre por causa do sarampo. Pelo rádio, chegavam as primeiras notícias da revolta popular. Como a comunicação era dominada pelos russos, tudo era muito parcial. Ela percebia que a revolta tinha proporções inimagináveis. Ouvia os comentários dos vizinhos.

Reunidos em frente ao parlamento, muitos jovens faziam discursos e eram aplaudidos pela multidão. Clamavam a presença de Imre Nagy, o homem do Partido visto como o único que poderia compreendê-los. Nagy, em sua casa, não se manifestara. Os russos, ainda sem saber como reagir àquela explosão inesperada, cortaram a luz da cidade, tentando dispersar a multidão.

Na praça escura um jovem colocou fogo em uma das pontas do jornal Povo Livre que trazia consigo, constituindo uma pequena tocha. Logo foi imitado por muitos, criando um quadro melancólico, em que a luz do fogo iluminava aquelas pessoas que, sem plano determinado, clamavam pela soberania das próprias vidas e do país.

Em casa, quando a luz foi inesperadamente cortada, Eva fechou as cortinas e chorou abraçada à pequena, que dormia. Perdida entre o medo



da repressão e a esperança de que a revolta tivesse sucesso, sabia que, em seu íntimo, a esperança era o sentimento soberano.

Do parlamento, alguns revoltosos caminharam em direção à Praça dos Heróis, em mais uma atitude simbólica: o objetivo era derrubar a grande estátua de Stalin. Foi necessário que muitos homens ajudassem. Diversas cordas e algumas horas depois, a estátua foi inteiramente derrubada. Restaram apenas as botas.

Os revoltosos não tinham armamento pesado, lutavam com pedras, e algumas poucas armas que o próprio exército de Budapeste lhes cedera, por não concordar com a invasão vermelha. Isso comoveu todos os húngaros, mesmo aqueles que não estavam dispostos a lutar: era uma revolução feita de coragem e não de armamentos. Desde o início, os húngaros sabiam que não eram páreo para o potencial bélico dos russos, mas nem por isso desistiram de lutar.

Margit voltou para casa ainda naquela noite. Ela e a filha se dividiam entre a esperança de que a luta serviria para dar alguma perspectiva para o povo húngaro e o medo da retaliação dos russos, que sabiam que não tardaria a chegar.

Enquanto no Kremlin o alto escalão do Partido Comunista discutia o que fazer com os húngaros – uns sugerindo avanços mais cruéis que os outros – o povo dominava Budapeste, dando indícios de que os populares saíam vitoriosos daquela batalha. Nas ruas, àquela altura, estavam mais de 100 mil pessoas.

As primeiras batalhas armadas aconteceram ao redor da rádio de Budapeste, na qual os manifestantes brigavam para realizar a leitura dos dezesseis pontos, enquanto os russos se esforçavam para manter o controle sobre o local. Naquela mesma noite, as autoridades russas nomearam Imre Nagy primeiro ministro da Hungria, na esperança de que ele usasse de sua popularidade para acalmar o confronto.

Logo teve início a insurreição armada.

Às duas da tarde do dia seguinte, os russos chegaram a Budapeste: eram 6 mil homens e setecentos tanques. Uma força semelhante fora enviada para patrulhar a fronteira com a Áustria. Os insurgentes chegaram a ocupar centrais telefônicas, os prédios da rádio e do jornal Povo Livre e a Estação Ferroviária. Foi quando os russos abriram fogo.

Na casa dos Matravalgyi, as cortinas eram fechadas ao primeiro sinal de que o sol começava a se por: qualquer feixe de luz que escapasse poderia ser um alvo em potencial para os ataques dos russos.

Poderia acontecer a qualquer momento.

Cada um a sua maneira, lutando ou em casa, era sabido que todos torciam pelo sucesso do povo. Um fato crucial para o desfecho dessa história não pode ser ignorado: os húngaros esperavam por um apoio internacional para sua causa que nunca veio.

Os camponeses colaboravam como podiam: sua principal contribuição foi ajudar a alimentar a população que naquele momento sofria com a escassez de comida.

Alinka Lepine, que na época tinha 14 anos, lembra:

*Foi o momento mais impressionante da minha vida. Antes de começar o tiroteio a gente saía, mas víamos que as lojas não tinham quase nada, e o que tinha logo levaram. Os camponeses vinham do campo com caminhões e traziam comida. Não vendiam, distribuíam. Era uma coisa impressionante! Antes dos tiroteios, chegavam com caminhão e distribuíam pão.*

*Acima de tudo, foi uma revolução muito pura. Por exemplo, se alguém decidia “Vamos coletar dinheiro para as viúvas dos mortos”. Colocavam uma caixa e todo mundo ia colocando dinheiro, e as pessoas não pegavam esse dinheiro<sup>17</sup>.*

---

17 LEPINE, Alinka. *Entrevista concedida para a elaboração deste livro*, São Paulo, 2012. Alinka é emigrante húngara e vive em São Paulo; saiu de seu país natal em dezembro de 1956.

Aos poucos, os russos iam recuperando o domínio por meio de batalhas sangrentas – apesar de pouco armados, os húngaros não estavam dispostos a desistir com tanta facilidade. Imre Nagy, naquele período, foi de apaziguador em nome do partido (ele estivera no poder, como representante dos comunistas por alguns anos durante a década de 1950) a herói popular – sendo atraído para a morte pelos russos no fim da revolução – o fatídico 4 de novembro.

Naquela mesma época, começaram a circular notícias de que a fiscalização nas fronteiras não estava sendo feita de forma tão intensa como antes. Foi quando chegou aos ouvidos de Eva Matravolgyi a notícia de que certo caminhoneiro, que transportava leite, poderia facilitar sua travessia até a fronteira. Como eles, centenas de milhares de húngaros aproveitaram para escapar na mesma época.

Em 4 de novembro de 1956 os soviéticos invadiram a Hungria em definitivo, deixando dezenas de milhares de mortos (alguns dados se referem a 20 mil, outros a 50 mil) e mostrando que as ordens vindas de Moscou ainda tinham força – uma força que durou, precisamente, até a década de 1990. Até lá, os húngaros tiveram que lidar com o domínio estrangeiro, que se intensificou especialmente nos anos posteriores à revolução, quando muitos jovens foram presos e enforcados como traidores.



# Parte 2

O Holocausto.



# Do alemão, só sabemos que tartaruga é lagarto com escudo

Seria uma cena comum, não fosse a grande ruga de preocupação que se sobressaía na testa de Jenö. Sentado próximo à janela, apoiava uma das mãos sobre a perna enquanto a outra segurava a cabeça, que parecia pender do corpo, tamanha a confusão que sentia.

Era janeiro de 1933. O relógio marcava seis da tarde, o que significava que já escurecera no intenso inverno de Budapeste. Ele viera mais cedo do trabalho para escutar o noticiário londrino – agora, mais do que nunca, sabia que era necessário estar informado sobre a situação europeia, especialmente a alemã.

Tinha o costume de ouvir o rádio sentado em uma poltrona próxima à janela. Gravata frouxa, estudava distraidamente uma mancha de comida em sua camisa, enquanto sua atenção estava dedicada ao que dizia o locutor inglês. Se fosse sincero consigo mesmo, admitiria que sentia medo. Cruzou as pernas e aumentou o volume do rádio, puxando o aparelho para mais perto de si.

Pelas pequenas caixas de som saía a voz de sotaque britânico que anunciava a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha. Depois de algumas tentativas, o partido nazista finalmente chegara ao poder.

Jenö tinha um mau pressentimento.

A alguns milhares de quilômetros dali, os germânicos viam uma esperança depois de sofrerem as consequências da Primeira Guerra Mundial - a hiperinflação de 1923 e as perdas humanas, por exemplo - e da crise econômica de 1929 que, mesmo com seu epicentro em solo norte-americano, teve grande impacto na instável economia alemã.

As condições precárias se aliavam ao orgulho ferido de um país que se considerava invencível na arte da guerra, embora os conflitos recentes provassem o contrário.

Naquela ocasião, tudo culminava na ascensão do partido nazista.

Jenö tirou os sapatos, acomodou-se na cadeira e continuou a escutar atento.

\*\*\*

- Estou grávida! – Margit não podia deixar de sorrir com a notícia, embora percebesse o olhar preocupado do marido em resposta.

Ele sorriu um sorriso torto, que revelava que a alegria não se estendia aos seus olhos. Era final de março de 1933 e ele estava a cada dia mais preocupado. Feliz com a notícia, é claro, mas agora teria mais uma vida para tomar conta.

Saiu da cozinha sem falar nada.

Estava especialmente calado nas últimas semanas, mas ela acreditava que talvez o trabalho estivesse mais complicado que de costume. Pensou em perguntar ao marido o que o incomodava, mas desistiu. O que poderia ser tão importante? Não costumavam conversar sobre esses assuntos.

Voltou para a cozinha, onde o jantar cheirava maravilhosamente. Geralmente era uma mulher muito discreta, mas tinha de admitir que cozinhar era uma das coisas que fazia melhor. Distraída, tratou de separar todos os talheres e os pratos de porcelana – o marido fazia questão de que comessem com a melhor louça todos os dias.

Naquela noite Margit testava um prato novo, que aprendera em seu curso de culinária francesa. *Coq au vin*<sup>1</sup>.

---

1 Frango ao vinho, em francês.



Todas as manhãs ela saía para comprar comida – quando comprava frango, como era o caso naquele dia, dava um trocado para a esposa do zelador para que realizasse o trabalho pesado – matar e depenar a ave – para que então ela pudesse cozinhar.

Jenő passava o dia em seu laticínio, cuidando da administração, enquanto Suzana dividia o tempo entre a casa e a escola.

Margit tirou o frango do forno – parecia delicioso e suculento. Nem precisou chamar a filha, pois a menina já aparecera curiosa. Sentou-se à mesa, onde tudo estava organizado com muito cuidado e carinho. Logo o marido também se aproximou.

O jantar era também uma chance de reunir a família. Na Hungria, as refeições são compostas sempre por entrada, prato principal e sobremesa. Tudo é regado a muito creme de leite, manteiga e páprica, o ingrediente mais característico da culinária do país. Comem-se muitas batatas<sup>2</sup>, além das tradicionais sopas, que costumam ser espessas e gordurosas, um reforço para o corpo enfrentar as temperaturas negativas que assolam o país no outono e no inverno – haja frio para consumir todas essas calorias!

Naquele dia, o prato era francês, mas o apetite era húngaro. Apesar disso, a família sentou-se para comer em silêncio.

\*\*\*

Passavam-se os meses e as preocupações de Jenő aumentavam conforme crescia a barriga de Margit. Ao longo daquele ano Hitler afirmara seu poder na Alemanha e ganhara cada vez mais simpatizantes na sociedade devido ao seu discurso embasado no militarismo e na superioridade da raça ariana.

---

2 Entre os pratos mais famosos estão o gulyás, uma sopa que mistura carne, batatas e pimentão (páprica), o salame artesanal, e pratos fritos na gordura de porco.

O ódio aos judeus e outras minorias recebia atenção especial: a cada dia, eles tinham seu prestígio social diminuído pelo governo do Führer. Pressentindo que aquilo poderia chegar até ele e sua família, Jenö começou a buscar maneiras de se proteger.

Tanto Jenö quanto sua esposa haviam nascido em famílias judias, embora nunca tivessem sido intensamente ligados à religião. O casal não seguia os feriados judaicos, nem mesmo tinha o costume de rezar ou defender tradições as quais os judeus se apegavam. Jenö não conseguia pensar em um vínculo forte o suficiente para prendê-lo ao judaísmo – mas começava a elaborar uma lista mental de boas razões para se afastar da religião.

Pensou na carga emocional que o batismo cristão traria – apesar de não serem religiosos, era uma mudança considerável. Ele, na posição de líder da família, precisava pensar em uma solução contundente para poupá-los. Seria a decisão certa? Andava de um lado a outro da sala, refletindo sobre a hipótese que considerava desde o dia da ascensão de Hitler na Alemanha.

Caminhou até o canto direito.

Sabia que a esposa e a filha acatariam sua decisão.

Caminhou até o canto esquerdo.

Quem era ele, afinal?

Mirou o espelho que ficava no canto da sala. Era um líder, antes de qualquer coisa. A imagem que via refletida não era a de um judeu e sim de alguém preocupado com a segurança da própria família.

Sentou-se no sofá, sob o peso da decisão: seriam batizados como cristãos.

Quando Margit chegou em casa naquele dia, carregada com as compras feitas para o jantar, o marido pediu que se sentasse. Observou sua barriga, que já entregava a gravidez de alguns meses.

- Vamos ser batizados.

A esposa assentiu. O nascimento do bebê de Margit e Jenö estava previsto para dezembro, e o batismo dos três membros da família precisaria ser realizado antes disso. Por algumas semanas, fizeram catequese com um padre amigo da família. A criança viria representando uma nova fase e, justamente por isso, nasceria numa família cristã.

E assim foi feito.

\*\*\*

Quando tudo começou, ele era *Weisz* (que em alemão, significa branco) e ela *Schwartz* (em alemão, preto); dois sobrenomes judeus tradicionais.

O fato é que se envolveram muito antes de perceberem a coincidência que carregavam no último nome.

Ele começava sua carreira como capitalista, dono de um laticínio. Ela era secretária em um escritório na capital da Hungria, Budapeste. Ele costumava tratar de negócios com o chefe do gabinete em que ela trabalhava.

Invariavelmente, o jovem reparava na moça bonita que se sentava à mesa que ficava na lateral direita do recinto. Geralmente era uma mulher calada – ou, talvez, muito cheia de serviço. Trocavam duas ou três palavras quando era necessário.

Era comum que ele aparecesse às terças-feiras.

Toda vez que o rapaz entrava, ela se distraía por alguns segundos da datilografia para acompanhá-lo com os olhos. Se ele percebia, logo voltava a trabalhar.

Naquela terça ele entrou e logo ocupou todo o recinto, como de costume. Um homem notável, caminhava a passos largos e sempre

conhecia alguém que estava por perto. Conversava educadamente com seus colegas e depois seguia em frente.

- Como vai, Margit? – perguntou distraído.

- Bom dia, Sr. Jenö. Bem, e o senhor?

Ele assentiu.

Pensou em como ela estava especialmente bonita e entrou na sala de seu colega para resolver problemas de trabalho.

Uma hora depois, já de saída e contente com os resultados da conversa, caminhou até a mesa da secretária, que datilografava compenetrada.

Não perguntou, muito menos esperou que ela respondesse: tascou-lhe um beijo cinematográfico.

Foi assim que teve início o romance de Jenö Weisz e Margit Schwartz, em 1922. Ela parou de trabalhar quando se casaram no ano seguinte. Só se tornaram o casal Vezer depois de um longo percurso que durou quase uma década.

Primeiro, é necessário explicar que, na Hungria, tradicionalmente, a esposa, quando se casa, adota não apenas o sobrenome do marido, como passa a ter um nome equivalente, como se mudasse seu nome para “A esposa de ...”. Para tal usa-se o sufixo “-né”. Por exemplo, no caso do casamento de Jenö, a noiva passou a se chamar *Weisz Jenöné*, para o qual o equivalente em português seria “Senhora Jenö Weisz”. Para os íntimos, continuava sendo Margit, mas caso estranhos se dirigissem a ela na rua, deveriam chamá-la pelo nome de casada<sup>3</sup>.

Todos os nomes na Hungria são lidos inversamente, se comparados ao português, quando enunciados de maneira formal. Jenö Weisz, na verdade era conhecido como Weisz Jenö. O mesmo acontecia com todos os nomes<sup>4</sup>.

---

3 Da mesma forma, quando Eva Vezer se casou com Laszlo Matravolgyi, ela passou a se chamar Matravolgyi Laszloné, a Senhora Laszlo Matravolgyi

4 Nesse livro, optou-se por manter a ordem nome, sobrenome, como acontece no português, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor.

Uma década depois, quando Jenö decidiu que ele, a esposa e a filha, Suzana, precisariam ser batizados, optou também mudar seu sobrenome para algo que soasse menos “judeu”. Foi assim que deixaram de ser a família Weisz para serem a família Vezer, um sobrenome que não se relacionava diretamente com nenhuma religião.

Em 19 de dezembro de 1933 nasceu a segunda filha de Jenö e Margit Vezer. Chamaram-na Eva.

Desde pequena, a menina foi criada como católica. Nada muito fervoroso - a família frequentava a igreja ocasionalmente, mais para construir uma imagem que para expressar sua fé. Jenö e Margit seguiam suas vidas, ele trabalhando e ela cuidando do lar, enquanto a pequena crescia.

# *Végtelenül Bűntess Meg*<sup>5</sup>

Quando Eva completou 5 anos, os Vezer mudaram-se para um apartamento de quatro quartos em Peste. Habitavam o primeiro andar, no qual um corredor interligava apartamentos iguais. Logo que chegaram ao novo lar, Eva, no auge de seus cinco anos, saiu no saguão para descobrir o que lhe aguardava. Enfim, explorar!

De imediato, percebeu uma menininha um pouco menor do que ela, que a encarava. Entreolharam-se naquele tempo que é natural das crianças, até que uma delas venceu a timidez e perguntou:

-Qual o seu nome?

-Eva – respondeu a mais nova.

Surpresa.

Fitaram o chão antes de se entreolharem novamente. A coragem tomou conta da mais velha.

-Eu também me chamo Eva!

A coincidência exigiu que criassem uma forma de distinção entre as duas. Foi a primeira (de muitas) tarefas que executaram juntas. Decidiram que Eva Vezer, dois anos mais velha, seria chamada de Grande Eva, enquanto a vizinha seria chamada de Pequena Eva. Não demorou para que se tornassem grandes amigas.

---

5 “Só não me pediu perdão porque inexistente tal palavra em húngaro, ou melhor, existe, mas ela se abstém de usá-la, por considerar um galicismo. Como forma coloquial de se expressar uma culpa existe a expressão magiar *végtelenül bűntess meg*, isto é, castigame infinitamente, numa tradução imperfeita”. BUARQUE, Chico. Op. Cit.

Quase metaforicamente, a amizade começou alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial. Não haveria momento melhor: uma companhia fazia toda a diferença na hora de enfrentar aquele período de privação e escassez – para uma criança que tem um amigo ao seu lado, esse intervalo também poderia ser interpretado como férias. Prolongadas e cheias de surpresas nem sempre agradáveis, é verdade. Ainda assim, férias.

Brincavam juntas da hora que acordavam até a hora de deitar. Quando Suzana trouxe o primeiro namorado para casa, as duas se escondiam para espiar o jovem casal. Pegaram caxumba ao mesmo tempo e se divertiam vendo os transeuntes pela janela.

A mãe da Pequena Eva era a grande referência de vaidade feminina para as crianças. Era uma mulher muito chamativa, pois seu marido gostava que fosse assim. Usava um penteado que ninguém mais tinha e era daquelas que já acordam passando pó de arroz no rosto – nunca foi vista desarrumada. Margit era um tanto discreta se comparada à vizinha, embora fosse vaidosa. Nascida em *Kaposvár*, no interior da Hungria, vinha de família judia. Sofria de úlcera, mas, fora dos períodos de crise, era uma dona de casa muito presente e dedicada. Sempre acatava as decisões do marido.

O pai da Pequena Eva era arrumado tal qual sua esposa, parecia saído de uma vitrine de loja. Já Jenö Vezer não se preocupava tanto com a aparência: era gordo e invariavelmente trazia na gravata uma mancha que denunciava seu apreço pela comida – não que ele se preocupasse muito com essas coisas, era feliz do jeito que estava. Era o líder da família, sendo assim, muitos parentes dependiam dele ou trabalhavam em seu negócio. Um homem autoritário e apegado às tradições.

\*\*\*

A caçula da família Vezer gostava de estudar, era verdade, mas seus dias preferidos eram aqueles em que ficava doente. Eram as ocasiões mais

deliciosas da infância! Para que a farra fosse completa, na verdade, não bastava a doença – era preciso ter febre.

Nesses casos, ela se deliciava: o médico vinha em casa e realizava o diagnóstico:

- Resfriado!

A festa estava feita. Era a permissão para que a mãe cozinhasse suas receitas preferidas. Podia comer em cima da cama! Passava o dia sem preocupações e abusava dos mimos.

-Mamãe, vovó não vem visitar dessa vez?

A avó, mãe de Margit, costumava fazer visitas nos dias em que a menina não ia à escola. Nessas ocasiões, conversavam demoradamente, principalmente sobre o passado – era uma oportunidade de aprender sobre a história da Hungria.

As que falavam sobre as façanhas de Sissi eram suas preferidas. Sissi, a imperatriz, aos olhos de uma criança era quase um mito: uma mulher de cintura fina e vestes primorosas, cercada de muito poder.

Era esposa de um dos comandantes do império Austro-Húngaro em sua época, o fim do século XIX. Sissi era Elisabeth da Áustria, uma das figuras mais comentadas entre os húngaros: três filmes<sup>6</sup> com a atriz Romy Schneider no papel principal, lançados na década de 1950, retratam sua vida..

A avó de Eva jurava que vira Sissi em um desfile de carruagem quando era jovem. A cena já fora recontada inúmeras vezes, mas a cada resfriado Eva pedia que ela comesse tudo novamente.

---

6 “Enquanto na trilogia Sissi é retratada como uma moça adorável e cheia de energia, casada com um apaixonado Franz Josef I, e termina sua saga “feliz para sempre”, relatos sobre a vida dessa figura marcante mostram que na verdade ela era uma mulher infeliz no casamento, depressiva, vaidosa e anoréxica. A trilogia é assinada pelo diretor Ernst Marischka”. NEIVA, Paula. *Veja* Ed 1851. São Paulo: Abril, 2004.



-Conta a história da Sissi de novo, *Nagy mama*!<sup>7</sup>

Outra visita constante era Tia Annus<sup>8</sup>.

Era a tia mais querida da menina e também a irmã mais próxima de Jenö. Casada, tinha uma filha dois anos mais velha que Eva. Ocasionalmente, aparecia para um almoço de domingo ou para trazer uma comida diferente quando a pequena adoecia. Eram mais de 100 quilos distribuídos numa mulher com menos de 1,50 metros, o que a deixava com um sorriso extremamente especial.

\*\*\*

No ano seguinte, 1939, as previsões de Jenö se confirmaram – mal haviam terminado de tirar o rádio de uma das caixas da mudança quando ouviram através dele a notícia de que estava declarada a Segunda Guerra Mundial. As tropas de Hitler haviam invadido a Polônia.

Motivos para se preocupar não faltavam: rapidamente, conforme o exército nazista avançava, as leis segregacionistas (para os judeus e outras minorias, como ciganos, homossexuais, comunistas) começaram a atingir os países do leste europeu. Jenö sabia que logo a Hungria também seria ameaçada.

O cerco começou nos países vizinhos.

Na Hungria, as leis discriminatórias demoraram para ganhar força e as medidas mais duras chegaram apenas no ano de 1944. Antes disso, o país serviu até mesmo como um refúgio para os judeus de outros países da Europa, que tiveram seus lares atacados no início da Segunda Guerra Mundial.

---

7 *Nagy mama* é a palavra húngara que significa avó.

8 Annus seria uma forma de chamar alguém com nome de Ana. Em português, em tradução livre, seria como “Aninha”.

Jenö acompanhava as notícias com ouvidos atentos.

Dois anos antes do início da guerra, em 1937, a Romênia havia excluído os judeus dos serviços civis, além de declarar que o Estado não negociaria mais com pessoas que tivessem aquela religião. Na mesma época, todos os jornais que eram de propriedade de judeus foram suprimidos.

Na data em que soubera da notícia pelo rádio, Jenö lembrava-se de ter conseguido adormecer somente quando o dia já amanhecia do lado de fora da janela.

Em 1938 a Romênia anunciou que os judeus não teriam mais direito ao voto.

Naquela noite, Jenö não dormira por um minuto sequer.

Em 1940 os romenos proibiram casamentos mistos (entre judeus e pessoas de outras religiões) e também promulgaram a lei que permitia que empresas de judeus tivessem apenas empregados com a mesma religião. Logo, a Iugoslávia e a Bulgária fizeram o mesmo.

Quando ouvira aquela nota pelo rádio, Jenö passara horas debruçado sobre sua escrivaninha fazendo as contas do dinheiro que tinha.

Em dezembro do mesmo ano, 1940, os romenos decretaram que todas as lojas que fossem de propriedade de judeus deveriam ser identificadas como tais.

Tia Annus visitava a família algumas vezes. Seu corpo atarracado não vinha mais acompanhado daquele sorriso maternal e carinhoso – ela também parecia preocupada. Conversava sempre com Jenö a portas fechadas.

Em julho de 1941 todos os judeus romenos que viviam perto da fronteira com a Moldávia foram retirados à força de suas casas. Foi naquele mesmo ano que, nas respectivas capitais, búlgaros e romenos passaram a concentrar os judeus em guetos.

Naquela noite Jenö se debruçou sobre a planta de seu laticínio, para tentar encaixar um esconderijo onde ele pudesse abrigar sua família se fosse necessário sair de sua casa.

Já não tinha a esperança de que Budapeste escaparia. Mesmo assim, durante o dia agia normalmente ante a família. Deixava as preocupações para depois que as três mulheres se deitassem.

Enquanto isso, Eva vivia em seu mundo de criança.

A vida durante os primeiros anos da guerra foi mais fácil para Eva devido à companhia da vizinha, pois a amizade ajudava o tempo a passar mais rápido. Juntas, deixavam a imaginação levá-las para longe dali: faziam bonecas de papel e davam-lhes casa e vida próprias.

Entre as brincadeiras preferidas, inevitavelmente, estava fantasiar sobre a guerra. Nesses casos, a Grande Eva era sempre a mocinha, enquanto à Pequena Eva era designado o papel do rapaz. Logo, o jovem era convocado para o exército, causando grande sofrimento para a namorada, já que, em pouco tempo eram obrigados a se despedir dramaticamente, com direito até ao aceno com lenço branco pela janela. Quando ele retornava, ferido da guerra, a namorada se transformava em enfermeira particular. Era a brincadeira da moda entre as crianças húngaras.

Aliás, para Jenö, Eva parecia uma representação de suas preocupações: a menina estava a cada dia maior às vésperas de seu aniversário de 10 anos.

Paralelamente à promulgação dessas leis em países vizinhos, o império Austro-Húngaro se aliou à Alemanha nas batalhas, o que queria dizer que todas as leis que traziam restrições aos judeus alemães tinham suas implicações também para os judeus húngaros, porém de forma mais amena para os últimos.

A “segurança” dos judeus húngaros nos primeiros anos da guerra aconteceu, principalmente, devido ao caráter das leis restritivas aprovadas. Eram medidas suficientes para que o país parecesse alinhado com as exigências de seu tirano alemão, sem que afetasse efetivamente a vida de grande parte da população.

Em 1944, antes da interferência efetiva do exército nazista, os judeus húngaros totalizavam cerca de um milhão de pessoas, e o país abrigava cerca de setenta mil refugiados vindos de países vizinhos<sup>9</sup> - era um porto seguro no leste da Europa.

Apenas até 1944.

\*\*\*

Era 19 de março de 1944 quando Eva acordou com o som de pés marchando, um dois, um, dois, e correu para a janela, para entender do que se tratava. Antes que pudesse ver o que estava acontecendo, sentiu que era importante.

- Mãe, pai, venham ver!

Logo todos estavam reunidos observando o que acontecia na rua. Era um mar de gente cinza, marchando em perfeita sintonia.

Jenö encarou a cena por alguns segundos, calado. Logo se afastou da janela e começou a caminhar no quarto, de um lado para o outro, seguidamente. Seu ritmo era quase tão intenso quanto o dos que marchavam lá fora.

Margit, Suzana e Eva o observavam.

Com poucas palavras, confirmou uma coisa que a menina não entendia, mas mesmo assim soou como uma sentença:

- O exército alemão está em Budapeste.

Era verdade que vinham sendo influenciados pelo bloco liderado pela Alemanha durante todo o conflito, mas os militares daquele país, até então, não haviam julgado necessária uma intervenção em Budapeste. Aquele exército ocupando as ruas indicava que a Hungria não tinha para onde escapar.

9 MONTGOMERY, John F. *Hungria, satélite contra a vontade*. São Paulo: EDUSP/COM-ARTE, 1999. pág 112.

Logo em seguida, ele se dirigiu à sala e pediu que Eva o acompanhasse para uma conversa.

Do alto de seus 11 anos, Eva sentiu-se uma mocinha. Caminhou na direção dele com toda a seriedade que sentiu que a situação exigia.

- Venha, Eva! Sente-se, precisamos conversar sobre uma coisa importante.

Ela logo se transformou em criança e correu para seu colo, com um pulo.

- O que foi, papai?

- Eva, você já ouviu falar em judeus? – Seu tom parecia não ser do mesmo homem que costumava chegar em casa cheio de brinquedos nas mãos, para agradar à caçula. O tempo que pai e filha passavam juntos se resumia a deliciosos passeios com a cachorra da família – se estivesse frio, ela poderia ter a sorte de montar um boneco de neve ao lado dele! – e às aventuras que os dois dividiam a bordo do trenzinho elétrico que ele uma vez comprara para a menina (ou, talvez, para si mesmo).

Ela também conversava com o pai para levar recados da mãe (e vice-versa) quando a convivência entre os dois atingia pontos extremos.

Judeus, Eva pensou. O que sabia sobre judeus? Não eram aqueles homens de barbas compridas e chapéus, que ela sempre via serem apontados na rua? Ela tinha um pouco de medo daquelas pessoas. Pensou por mais um ou dois segundos, antes de responder:

- As pessoas na minha escola não gostam de judeus. Aqueles homens barbados...

A testa dele se enrugou um bocado.

- Acho que tenho um pouco de medo deles. Não é bom ser judeu, papai. – ela prosseguia, sem perceber a preocupação do pai.

Jenö explicou então que eles mesmos, na verdade, eram judeus.

Pelo menos era a forma que o Estado os enxergava: tinham histórico judaico que denunciava as origens da família. Haviam se convertido antes que ela nascesse, mas para todas as circunstâncias ainda eram rotulados com aquela religião.

- O judaísmo é uma religião. Entendeu agora?

Não podia ser. Ela, uma judia? Mas os judeus não eram aquelas pessoas barbadas? Não eram aqueles que os outros apontavam na rua? Como ela poderia ser uma? Não conseguiu responder ao pai. Talvez ela não fosse tão sabida quanto pensava ser.

- Eva, nossa vida vai mudar. Você não vai poder mais ir para a escola como antes, vamos ter que passar um tempo escondidos. Você vai ter que ficar sempre junto de mim e da sua mãe: desse jeito, nada vai acontecer.

Ela assentiu, sem muita certeza.

Não tinha dúvidas, ao lado do pai estava segura. Mas como ninguém tinha avisado antes? Será que ela também seria apontada na rua?

Naquele dia, ela foi para o quarto e ficou confusa: perdida entre a ansiedade do que estava por vir e o medo de que tudo fosse diferente. Assim como ela, a Hungria enfrentaria um grande desafio no decorrer daquele ano: a Segunda Guerra Mundial. Mas não era a primeira vez que o país se deparava com uma situação daquelas.

# Não existe vida fora da Hungria, diz o provérbio

Hungria: afinal, que país é esse?

Imagine seu amigo mais azarado: aquele que sempre está no lugar errado, na hora errada e leva a culpa justamente quando tentou não se envolver na discussão. O que dá risada alto quando todo mundo faz silêncio, que trabalha a semana toda e, quando finalmente vai para a praia, só chove.

Se os países pudessem ser representados por pessoas, a Hungria seria esse amigo azarão. É aquele que, apesar de ter as melhores intenções, escorrega na casca de banana ou não participa da aposta vencedora na loteria. Você logo entenderá o porquê.

Ao sul da Hungria estão os Bálcãs, e a leste, a bacia dos Cárpatos. Essa bacia dificulta o acesso daqueles que gostariam de invadir o país pela sua fronteira oriental. O rio Danúbio divide a capital do país ao meio - Peste está numa planície que segue no sentido sul, e torna a região um alvo fácil para os possíveis invasores – ao longo da história do país não faltou gente tentando invadir essas terras.

Os primeiros que acharam que valia a pena se instalar por lá foram os ilírios, um povo indo-europeu. Não demorou para que as invasões comesçassem. Todo mundo quis dar uma passadinha: hunos, godos, avaros, romanos, até que, por volta do século IX os Magiares organizaram o território num único estado. O rei Estevão, grande herói nacional, foi quem, no ano 1000 d.C., fundou o Reino da Hungria.

Fundado o Reino, seguiram-se séculos de estabilidade e expansão.

Era a cidade luz do leste europeu! Até o início do século XV a Hungria chegou a ter cerca de 4 milhões de habitantes, o mesmo que a Inglaterra tinha no período. Essa alegria não durou para sempre. No ano de 1526 os turcos otomanos realizaram – adivinhe só! – uma invasão, que resultou em um domínio de mais de 150 anos.

No entanto, os turcos não acompanharam o desenvolvimento da Europa no período e todo seu império foi da estagnação à decadência. Os Habsburgos, dinastia dominante na Áustria, foram os responsáveis por libertar os húngaros do poder dos turcos.

Ainda não era a hora de o povo húngaro se livrar da dominação externa - o poder passou, então, para os austríacos, que viam o território húngaro como uma extensão do seu. Estava formado o império Austro-Húngaro. A força dos húngaros na briga pelo equilíbrio do poder cresceu com o tempo e (dizem por ai que) isso aconteceu devido à forte presença da rainha Sissi (esposa do herdeiro Habsburgo, Franz Josef) no país. Foi nessa mesma época que a primeira grande leva de imigrantes húngaros veio para o Brasil.

Algumas décadas depois, teve início a Primeira Guerra Mundial. De um lado franceses, ingleses, russos, belgas, italianos e, mais tarde, americanos. De outro, alemães, búlgaros, turcos e, claro, os austro-húngaros. Estes últimos fizeram o que estava ao seu alcance para ficar de fora do conflito. Em vão: ao fim dos quatro anos de luta, mais de 650 mil soldados húngaros haviam sido mortos – pasme: a Hungria estava do lado perdedor.

Em 1933, ano do nascimento de Eva, de acordo com relatos da comunidade húngara radicada no Brasil<sup>10</sup>, estimava-se que o número de imigrantes húngaros no Brasil fosse de 150 mil, sendo que 30 mil viviam em São Paulo. Acredita-se que os descendentes desses húngaros que têm consciência de sua origem são entre 5 e 10 mil.

---

10 Dados extraídos de uma nota publicada pelo *Délamerikai Magyar Hírlap* (periódico húngaro na América do Sul), na edição do dia 15 de junho.



Os tratados de paz ao fim da guerra representam mais uma derrota para os húngaros. Além da destruição do país e das perdas humanas, foi preciso pagar uma salgada dívida de guerra, além entregar aos países vizinhos mais de 190 mil quilômetros quadrados de suas terras.

A Primeira Guerra Mundial logo levou à Segunda, com os alemães sedentos por vingança, novos territórios de consumo e matéria-prima. Dessa vez, no entanto, não bastassem as proporções da batalha, entrou em cena no comando dos militares alemães um austríaco com ideias totalitárias. Ele mesmo: Adolf Hitler.

\*\*\*

Depois da chegada do exército alemão a Budapeste, a vida foi mudando rapidamente. A visão dos soldados germânicos através da janela marcou o início de uma nova fase para a família Vezer e para os húngaros em geral.

Em questão de dias, foram promulgadas ou intensificadas várias leis que visavam restringir o contato entre judeus e o resto da população.

Eva já não ia mais para a escola, Suzana passava os dias lendo em seu quarto e Margit não saía para fazer compras. Tudo acontecia muito rápido e sempre trazia uma perspectiva negativa. As mulheres da família Vezer aguardavam uma decisão de Jenö.

A vida tornava-se mais limitada a cada dia.

Na mesma semana da entrada do exército alemão, os judeus húngaros foram proibidos de frequentar as atividades culturais do país: tiveram seu contato com o cinema, o teatro, a ópera, entre outros, vetado. Além dos judeus, outras minorias como ciganos, homossexuais e comunistas também foram excluídas. Também proibiram essas pessoas de ocuparem posições estatais ou de manterem funcionários que não fossem judeus em seus estabelecimentos.

Naquela semana, Jenö voltou a perder o sono.

Ainda em março, fora promulgada a lei que obrigava os judeus a se identificarem ante os demais: todas as vezes que saíssem nas ruas, eram obrigados a costurar suas roupas com a estrela amarela. Estavam marcados.

No dia em que recebeu a notícia, exausto e preocupado, Jenö começou a colocar em prática os planos que havia traçado para tentar garantir a sobrevivência da família – sentia que se aceitasse o caminho imposto pelos nazistas, esses o levariam embora, passo a passo, em uma caminhada para fora de seu país. Então, ele nada poderia fazer.

Era preciso agir agora.

Toda a insegurança que ele sentia desde a ascensão de Hitler, cinco anos antes, provava ter uma razão.

O plano era, na verdade, um esconderijo. Veio em boa hora.

Apesar de tardia, a invasão da Hungria aconteceu em um período crítico, quando os nazistas já executavam a “Solução Final para a questão judaica” (Planejada na Conferência de Wannsee, em 20 de janeiro de 1942), ou seja, almejavam exterminar todos os judeus da Europa. Foi o ápice de uma década de ações discriminatórias. Alguns poucos judeus eram “salvos” do extermínio imediato quando chegavam aos campos de concentração<sup>11</sup>, pois eram considerados aptos ao trabalho forçado.

Os demais, em sua maioria, foram imediatamente assassinados.

Calcula-se que, somando todos os países da Europa, a polícia alemã tenha assassinado 2 milhões e 700<sup>12</sup> mil judeus utilizando mecanismos de asfixia por gás venenoso ou por fuzilamento. Outros 3 milhões e 300

---

11 O site do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos confirma que mais de 100 mil húngaros foram usados para trabalhar.

12 Enciclopédia do Holocausto – verbete: solução final.  
<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005151>, acessado em 12/08/2012.

mil morreram devido às atrocidades cometidas contra eles: fome, maus tratos, espancamento, frio ou experiências médicas.

No fim de abril começaram a tirar as moradias dos judeus em Budapeste – eles deveriam ceder suas casas para famílias que tivessem um perfil que agradasse os alemães. Foi criado o gueto judeu na capital húngara, para o qual foram encaminhadas as famílias que se adequavam a esse padrão.

A data oficial da criação do gueto judeu de Budapeste é 15 de outubro de 1944, mas sabe-se que meses antes as pessoas já vinham sendo expulsas de seus lares. Poucos sobreviveram para relatar detalhes do local, mas sabe-se que 63 mil judeus foram obrigados a viver em um bairro que totalizava um pouco mais de 250 metros quadrados. As condições de higiene eram terríveis por causa da superpopulação aliada à falta de saneamento.

Um mês antes, em setembro de 1944, Jenö tomou uma decisão importante: não iriam. Nem ele nem sua família entregariam-se aos nazistas daquela maneira. Eles já haviam sofrido privações demais.

O raciocínio que construiu o plano que Jenö colocaria em prática a partir daquela data era simples. Tinham poucas opções. Ele sabia que não poderiam permanecer no mesmo apartamento: lá seriam rapidamente encontrados pelos alemães, aliás, estes já haviam até escolhido uma outra família para ocupar o local.

Em poucos dias os novos moradores chegariam para se instalar no apartamento.

Cogitou investir em documentos falsos – uma opção comum naquela época – mas estes poderiam não bastar. Precisavam se esconder, mas não poderia fugir, o exército estava em todo lugar. Restava o outro imóvel que possuía: o laticínio.

Assim, estaria salvando a vida de todos eles.

Àquela altura, a propaganda nazista já estava espalhada pelas ruas, tratando os judeus como verdadeiros monstros que precisavam ser eliminados. Além disso, quem entregasse um fugitivo para o governo era muito bem visto pelos demais – esse tipo de atitude era extremamente estimulada, principalmente pelo próprio partido.

Não poderiam confiar o segredo sobre onde se refugiariam para muitas pessoas e o laticínio precisaria permanecer ativo, para não levantar suspeitas. A solução planejada pelo patriarca consistia em adaptar o vão que existia embaixo do galpão principal da empresa em um esconderijo diurno.

Jenö pensara em tudo, a obra para o alçapão já estava completa.

Todos os seus planos precisavam de Iren para funcionar. Jenö sempre comentava com as filhas sobre como Iren era uma mulher completa – com ela, podia-se conversar sobre tudo, dos negócios às notícias que ouvia no rádio.

Iren trabalhava na administração do laticínio e ao longo dos anos conquistara a plena confiança de Jenö e muitas responsabilidades no negócio. Era casada e tinha uma filha da idade de Eva. Uma mulher simples, de cabelos castanhos, semblante sério e estatura mediana. Como não era judia, poderia permanecer no comando do laticínio, independentemente das restrições que agora eram aplicadas a uma parcela dos cidadãos húngaros.

A empresa não era muito grande – o terreno era ocupado principalmente por dois prédios. Na frente, ficava a parte administrativa e, nos fundos, a produção concentrava-se em um galpão.

Eva, percebendo a movimentação, já começou a imaginar uma grande aventura. Será que em sua nova casa ela teria mais amigas para brincar? Afinal, do que será que se brinca com outros judeus?

- Mamãe, posso levar minha boneca?

- Fique quieta, Eva. Essa é uma conversa para adultos - Margit parecia mais cansada que de costume e, por isso, só por isso, ela se calou.

Será que no lugar aonde iriam todas as mães eram preocupadas?

# O Danúbio, negro, silencioso

O alçapão fazia um barulho sutil toda vez que era fechado. *Clec.*

Era imperceptível a não ser para aqueles que estavam acostumados a ouvi-lo todos os dias – funcionava como um sinal. Toda vez que era ouvido impunha o silêncio para todos os ocupantes do esconderijo, durante as manhãs, ou significava a liberdade, à noite.

Tornou-se o barulho mais aguardado da rotina dos Vezer.

Passavam os dias atentos a todos os sons – qualquer coisa fora do comum poderia indicar perigo. Normalmente, ouviam-se apenas os ruídos dos trabalhadores do laticínio em atividade, uma conversa ali, o som da carroça sendo descarregada acolá.

Para os adultos, as horas passavam devagar e a tarefa de acompanhar os sons e imaginar de onde vinham consumia quase todo o dia.

Para a pequena Eva, as horas passavam voando: aqueles barulhos eram apenas o pontapé inicial para a imaginação de uma criança, que usa todos os recursos que tem para voar para longe.

Os dias não eram divertidos como antes, mas para ela era tudo uma aventura: lugares novos, situações diferentes. Às vezes ela precisava ser uma mocinha, comportada, o que lhe dava grande orgulho. No resto do tempo, se perdia nos próprios sonhos, como toda criança.

*Clec.*

Quando o abrigo era aberto no final do dia, ela sabia que finalmente poderia comer, ir ao banheiro e andar – apesar de fazer longas viagens

dentro da própria cabeça, ela passava o dia todo sentada, pois o abrigo não era grande o suficiente para que se movimentassem.

A abertura do alçapão indicava que a jornada de trabalho no laticínio chegara ao fim e, portanto, todos os funcionários tinham ido embora para suas casas. Assim que percebia que era seguro, Iren vinha libertá-los.

Um a um, subiam pelo alçapão: primeiro o pai, que ajudava a mãe a sair. Depois ela, pequenina, que precisava do impulso de Suzana para alcançar as mãos que vinham de cima para resgatá-la. Por último, a irmã mais velha saía.

Sob a luz da lua caminhavam rapidamente do galpão até o escritório central.

Os muros do laticínio não eram muito altos, por isso cada passo era repleto de atenção. Todos os dias o pai ia com Iren na frente. Quando desapareciam na escuridão, Eva segurava as mãos da mãe de um lado e de Suzana do outro. As perninhas curtas aceleravam o passo para acompanhar as mais velhas, e logo estavam seguros novamente.

Jenö e Iren conversavam sem alarde. Ela era os olhos, as mãos e os ouvidos dele fora do laticínio – e juntos planejavam os próximos passos para manter a identidade da família em segredo.

O prédio onde se abrigavam durante as noites ficava em frente ao galpão no qual o abrigo fora construído. Enquanto no escritório, durante o dia, resolviam-se problemas administrativos, assinavam-se papéis e tomavam-se decisões, na edificação que ficava aos fundos os empregados fabricavam a manteiga e outros derivados a partir do leite que vinha do campo.

O galpão era uma construção simples – para acessá-lo era preciso subir uma pequena escada. Era construído em nível elevado para facilitar o acesso das carroças quando algo precisava ser descarregado. Debaixo da construção havia um vão fechado por paredes em todos os lados. Logo abaixo, na terra, Jenö mandara cavar um abrigo subterrâneo no qual ele,

Margit, Suzana e Eva se escondiam durante o dia. O “buraco” era fechado por um alçapão – chamavam o esconderijo de *trepni*, a palavra húngara que indica um vão escondido, um esconderijo.

Iren administrava as finanças e também providenciava a comida – durante a noite não podiam acender a luz para não levantar suspeitas. Uma lamparina ficava acesa no chão. Iren deixava a comida em cima da mesa – estavam sempre famintos e cada um pegava sua porção assim que entravam no ambiente.

Por vezes Jenö e Iren ficavam no canto, conversando baixinho, enquanto as três mulheres comiam.

Finda a refeição, Iren ia embora, deixando a família livre para se acomodar nas escrivaninhas e dormir até o dia seguinte, quando ela adentrava o local ao nascer do sol para conduzi-los ao abrigo antes que o primeiro trabalhador chegasse para cumprir sua jornada. Jenö sempre sorria ao vê-la.

*Clec.*

\*\*\*

- Suzana, você vai se casar ainda essa semana. – o tom de Jenö era quase fúnebre, apesar do teor da notícia.

A filha não teve reação.

Sabia que o pai vinha de uma conversa com Iren, na qual esta o informara sobre como andavam as negociações com o Pretendente.

Alguns meses antes de a guerra chegar com força a Budapeste, um dos irmãos de Jenö apresentara a sobrinha a um conhecido. O rapaz prontamente simpatizara com ela na ocasião – chegaram a se encontrar algumas vezes, mas a guerra veio para interromper o possível romance.



Agora esse mesmo tio negociava a união entre os dois. Para Suzana seria um passaporte de volta à realidade: como o Pretendente seguia a Igreja Sabatista, caso se casasse com ele não seria mais considerada judia e poderia sair do esconderijo.

Enquanto isso, caminhões e mais caminhões saíam do gueto judeu, levando as pessoas para os campos de prisioneiros.

Junto aos papéis do casamento, Jenö, Iren, o Tio e o Pretendente providenciaram documentos para Eva – dessa maneira, a caçula da família poderia sair do esconderijo junto com a irmã. Ela passaria então a ser uma sobrinha do Pretendente, também batizada pela religião Sabatista: ganharia um novo nome, uma nova família, um novo passado e até mesmo um novo país natal - a Transilvânia.

Quando faltavam três dias para a união de Suzana, Eva foi convidada pelo pai, mais uma vez para uma conversa.

- Nossa vida vai mudar mais uma vez, filha. Você terá um novo nome e documentos: decore todas as informações e minta se perguntarem sobre sua verdadeira origem.

A menina concordou, e ainda garantiu.

- Logo vamos nos ver de novo, papai!

Ele sorriu pela primeira vez em meses.

A partir da semana seguinte, Eva, Suzana e o Pretendente passaram a viver em um apartamento em Buda que fora alugado com a ajuda de Iren. A menina passava a maior parte do tempo em casa, com suas bonecas, enquanto Suzana e o marido saíam ocasionalmente, para fazer compras ou encontrar algum conhecido.

De vez em quando chegavam notícias sobre os pais, que continuavam escondidos seguindo a dura rotina de dormir sobre as escrivatinhas.

Sabe-se que, durante o período em que a família planejou o esconderijo e o tempo em que estiveram de fato escondidos, durante alguns meses do ano de 1944, 300 mil pessoas foram deportadas para o campo de concentração da Auschwitz<sup>13</sup>. Mais 100 mil pessoas, dessa vez vindas do interior do país, também foram deportadas para os campos.

\*\*\*

Eva estava começando a se acostumar com a rotina no novo apartamento. A convivência com a irmã continuava como antes:

- Coma de boca fechada, Eva!
- Sente-se direito, Eva!
- Arrume seu vestido, Eva!

Ela passava os dias entre o rádio e as bonecas. Olhar pela janela era seu terceiro passatempo preferido: observava as pessoas e, invariavelmente, os guardas que passavam pelo local monitorando a rotina dos transeuntes.

Às vezes um vestido ou sandália lhe chamavam a atenção – caso fosse muito sortuda, uma das bonecas de papel poderia ganhar uma vestimenta parecida. Ela observava os soldados e se perguntava quais deles tinham deixado suas namoradas na Alemanha. Será que houvera lenço branco na despedida?

Naquele dia ela acordara mais cedo que de costume.

Vestiu sua roupa e organizou alguns brinquedos antes de se dirigir à sala, para tomar café da manhã com a irmã mais velha. Quando entrou no recinto, percebeu que ela tinha uma expressão séria. Ainda assim, arriscou:

- Bom d... - A preocupação no rosto de Suzana a impediu de continuar.

---

13 BERTÉNYI Iván e GYAPAY Gábor, *Modernkori magyar történelem, Maecenas Könyvek*: Budapeste, 1995.

Sobre a mesa estava o jornal, entre uma xícara de chá e um pedaço de pão deixado de lado.

Eva percebeu que a irmã não conseguia responder.

Correu em direção à mesa e pegou o jornal que, agora via, continha as marcas das mãos nervosas de Suzana.

Logo entendeu o porquê. No canto esquerdo, uma nota dizia:

“Casal é preso escondido embaixo de galpão em laticínio”.

Ela sabia muito bem de quem se tratava.

E agora?

O tempo, que até aquele momento corra quase na mesma velocidade que antes da guerra, parecia passar devagar. Suzana se apressou em sair para falar com Iren – será que ela tinha alguma notícia?

Eva passou o dia todo à beira da janela, esperando o retorno da irmã. Suzana chegou apenas na metade da tarde.

- Iren disse que um dos funcionários do laticínio percebeu alguma movimentação estranha e fez a denúncia.

Deixou os ombros caírem, expressando seu desgosto.

O tal funcionário nem ao menos poderia ser demitido – deveriam agir como se ele tivesse cumprido seu dever.

Eva seguia preocupada. Passaram-se dois dias até que recebessem notícias.

\*\*\*

Jenö sempre tinha um plano – a verdade é que, mesmo quando era pego de surpresa, ele encontrava uma saída. Era um homem de vários contatos. Altivo e de uma firmeza cujo limite com o autoritarismo era tênue. Quando foi preso, ao lado da esposa, conversou com os militares e conseguiu falar com um conhecido seu.

Em casa, Eva e Suzana já haviam roído todas as suas unhas, em desespero.

O tal colega de Jenö aceitou libertá-lo – é claro que recebeu um bom dinheiro por isso.

Em dois dias o casal estava de novo livre. E com novos documentos.

Eram , agora, uma família vinda da Transilvânia e dessa vez seu sobrenome era Balogh. A menina precisou novamente decorar sua história de vida – chamava-se Eva Balogh e tinha vindo do país vizinho com seus pais, diretamente da terra do Conde Drácula.

Jenö caprichou no disfarce: além dos documentos e instruções que passou para a esposa e a filha mais nova, deixou crescer um suntuoso bigode, muito cheio e com as laterais cuidadosamente penteadas para os lados – com aquela aparência, ele só poderia ser um imigrante! Estavam a salvo, ou assim ele esperava.

Passaram a morar em Buda, na casa de uma senhora que abrigava fugitivos em troca de dinheiro. Era um recinto grande e espaçoso, onde algumas outras famílias estavam escondidas. Os três Vezer dividiam um cômodo pequeno, enquanto Suzana permanecia morando no apartamento alugado junto ao marido.

Como é bom ser criança nessas horas – livre das preocupações, a menina se adaptava com facilidade a qualquer ambiente em menos de cinco minutos. Carregava consigo algumas bonecas, que transformavam qualquer lugar em lar.

O tempo não demorava a passar – desde que estivesse ao lado do pai

e da mãe, nada poderia lhe acontecer, não é? Aproveitava os dias entre as brincadeiras e os momentos ao lado do pai, que àquela altura não conseguia se desgrudar de seu rádio.

- Silêncio!

Todas as vezes em que o aparelho era ligado, era preciso que ficassem em silêncio. O som precisava estar sempre no volume mínimo, afinal as notícias eram proibidas pelas autoridades.

No final do ano de 1944 os alemães decidiram dinamitar as pontes que interligavam Buda e Peste. Era mais uma de suas estratégias de guerra. Jenő decidiu que, naquelas circunstâncias, seria melhor ficarem em Peste.

Através de um intermediário, então, alugaram um apartamento naquela parte da cidade, onde viveram escondidos até a época dos bombardeios.

Logo os russos chegaram para “libertar” a Hungria, ocasionando algumas das lutas mais intensas do período. As batalhas chegaram perto da capital e a vida parou. As escolas cancelaram as aulas – ninguém queria se responsabilizar pela segurança das crianças – o transporte cessou, as lojas fecharam as portas e os estoques de comida praticamente esgotaram.

Os bombardeios eram sinalizados por uma sirene, que indicava que todos deveriam permanecer no abrigo mais próximo até segunda ordem. Sua duração prolongada obrigava as famílias a levarem comida e cobertores para os porões, onde ficavam por algumas horas, presos entre o fogo cruzado e o medo do que iriam encontrar quando retornassem para suas casas. Sair nas ruas era cada vez mais raro – lá, a qualquer hora do dia, podiam-se encontrar corpos, animais mortos, prédios e casas destruídos, além de muita, muita poeira.

A Segunda Guerra Mundial terminou apenas com a rendição dos japoneses aos norte-americanos em agosto de 1945 – o que significa que durou 2174 dias. Durante esse período, entre militares e civis, a guerra

tirou a vida de 46 milhões de pessoas no mundo todo<sup>14</sup>.

Calcula-se que 6 milhões de judeus tenham morrido por causa da condição imposta pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse número corresponde a dois terços dos judeus europeus na época.

\*\*\*

Era 1945.

Sofreram com a chegada dos russos que foram, em um segundo, de libertadores a carrascos, e começavam a estabelecer seu regime.

Há poucos dias, Eva voltara para a escola e Jenö ao comando do laticínio. A família estava receosa quanto à própria felicidade e à presença dos russos na cidade – será que tudo estava resolvido, definitivamente?

Eva sentia mais dificuldade de se acostumar novamente à rotina do que de se adaptar às tantas mudanças que fizera no último ano – ela crescia e entendia melhor o que se passava ao seu redor. Talvez por isso o medo de se decepcionar novamente.

Cada dia era encarado com cautela, mas aos poucos a família voltava a sorrir. Naquela noite Jenö viera mais cedo do trabalho e conversava sobre banalidades com a esposa com a filha no colo, quando ouviram uma batida na porta.

Talvez pelo choque – há tempos não recebiam visitas que não fossem dos vizinhos, que não costumavam aparecer naquele horário – Jenö se levantou prontamente, fazendo com que Eva fosse obrigada a saltar de seu colo para evitar uma queda.

Margit voltou para a cozinha, onde enxugava os pratos que haviam usado no jantar.

14 CLARKE, Isabelle e COSTELLE, Daniel. *Apocalipse: Redescobrimo a Segunda Guerra Mundial*. National Geographic: 2009.

Jenö caminhou para a porta a passos largos.

Eva aguardava curiosa, e não ousava se mexer ou falar nada, com medo de que a mandassem para o quarto.

O pai observou uma fresta na porta por um segundo, antes de abri-la, permitindo a entrada de quem vinha de fora.

Algo na expressão de Jenö denunciava que estava confuso e incomodado com o que via, mas ele não ousava falar.

- Jenö, querido – falou então, a pessoa que estava na frente da porta.

Ele deu um meio sorriso:

- Entre.

Uma pequena senhora entrou, com passos lentos. Cada um deles parecia-lhe custar todas as energias que ainda possuía no pequeno corpinho. Tinha aquele cheiro típico das pessoas doentes e Eva discretamente puxou uma das pontas do vestido para tampar o nariz. Tudo em movimentos discretos, para que o pai não se lembrasse de que ainda estava lá e a mandasse dormir. Estava curiosa para saber quem era aquela senhora de olhar triste e caminhar vagaroso.

A menina nem precisava ter se esforçado tanto para passar despercebida – o homem que tinha resposta para tudo parecia tão chocado que não tinha olhos para mais nada, a não ser acompanhar o caminhar da pessoa que acabara de entrar.

Ela seguia no próprio ritmo e passaram-se quase dez minutos até que soltasse o pouco peso no acento do sofá.

Jenö pareceu despertar do transe. Fechou a porta de entrada e se acomodou ao lado da visitante.

A mulher também aparentava estar com a cabeça em um lugar muito diferente dali – parecia ao mesmo tempo chocada e tranquila. Fechou os olhos por um ou dois segundos e reuniu forças para dizer, num fio de voz:

- Como está, Eva?

A menina se encolheu no sofá. Quem era aquela senhora de cabelos curtos, que parecia tão sofrida e tão familiar? Não devia pesar mais que 40 quilos, e seus olhos pareciam estar constantemente cheios de lágrimas.

- Bem. – Respondeu a menina, mais por educação do que qualquer outra coisa – de repente, seu estômago estava embrulhado e a cabeça doía levemente. Não se sentia bem.

Infelizmente, a pergunta da visitante serviu para lembrar o pai sobre sua presença na sala.

- Vá para o seu quarto, Eva, boa noite.

Ela sabia que não adiantava insistir. Com um aceno de cabeça para a senhora, e um beijo no rosto da mãe, que a essa altura aguardava em pé, na porta da cozinha, Eva foi para o seu quarto.

Chegando lá, deixou a porta entreaberta, para escutar o que os adultos falavam. Precisava descobrir quem era aquela senhora magérrima e maltrapilha.

Acompanhou a conversa por alguns minutos, até que lhe ocorreu de quem se tratava. A menina se sentou na cama, em choque. Como era possível?

Aquela mulher era Tia Annus.

Da última vez que se viram, ela ainda era aquela senhora corpulenta e alegre, acompanhada do marido e da filha. Menos de um ano depois, ela aparecia com a expressão mais triste que Eva já vira no rosto de alguém, desacompanhada, pesando menos da metade do que fora antes.

- Tia Annus... - Balbuciu.

Pelo teor da conversa, percebia que a prima e o tio estavam mortos. Do tio de Eva, marido de Annus, ninguém tinha notícias. A última pessoa que o vira fora a própria esposa, no momento em que os oficiais alemães separavam os homens das mulheres.



Um ano antes, Annus tinha ido morar no gueto judeu com a família. Jenö tentara evitar, mas naquela situação extrema, pouco pode fazer. Depois de alguns meses no gueto, foram obrigados a deixar suas casas, em um caminhão.

A voz da tia fazia o relato em tom sério. Parecia não sentir alegria nem tristeza com aquelas memórias. A menina seguia escutando.

Foram colocados nos veículos, levados até a estação ferroviária e transportados em trens de gado, superlotados. Eva não compreendia como aquilo poderia ter acontecido. A tia fora levada para um campo de concentração<sup>15</sup> – ainda que, para a população daquela época, não estivesse claro de que se tratava. Ouviu a sobrevivente contar que fora separada do marido e obrigada a trabalhar forçosamente, vestindo um uniforme que a identificava como judia.

Nunca mais vira o cômputo, apenas teve notícia de que tinha morrido alguns meses depois. Annus passava os dias entre o trabalho forçado e os cuidados com a filha, que logo adoecera com tifo nos campos de concentração. Era uma das doenças mais comuns entre os prisioneiros e os soldados nada faziam para impedir que se espalhasse – pelo contrário, experiências médicas com prisioneiros eram muito comuns. Em certos campos, os cientistas testaram agentes imunizantes e soros para prevenir doenças como a malária, o tifo e a tuberculose nos prisioneiros, que eram contagiados propositalmente<sup>16</sup>.

A filha de tia Annus morrera em seus braços, por causa do tifo, poucos meses antes do fim da guerra e da libertação dos prisioneiros.

Naquela noite Eva teve sonhos conturbados com prisioneiros

---

15 Tudo leva a crer que esse campo foi o famoso Auschwitz-Birkenau – boa parte dos húngaros foi transportada para essa localidade na época, e o dado condiz com o depoimento de Eva sobre o período. No entanto, nos documentos verificados para a elaboração desse livro, essa informação não pode ser comprovada.

16 Os dados que falam sobre o número de prisioneiros contagiados de propósito pelos alemães são divergentes entre si, dessa forma, optou-se por não colocar um número em específico.

Naquela noite Eva teve sonhos conturbados com prisioneiros uniformizados, a tia a procura de comida e pessoas com os ossos sobressalentes. Quando amanheceu, Annus já tinha ido embora. Alguns dias depois, Jenö alugou um apartamento para ela, onde pode recomeçar a vida.

Nos meses seguintes, enquanto tentavam se acostumar com a presença dos russos em seu país – eles começavam a demonstrar que não pretendiam ir embora tão cedo - pouco a pouco, notas de falecimento sobre os outros irmãos de Jenö chegaram até a família, em Budapeste.

Os russos, de fato, não foram embora quando se esperava – permaneceram na Hungria até o início da década de 1990, quando a União Soviética entrou em colapso. Budapeste, a cidade amarela, dourada, passou décadas e décadas sob o domínio vermelho.

Ainda em 1945, enquanto Jenö retomava seu negócio e Eva tentava se readaptar a escola, os húngaros mal sabiam que a batalha pela soberania no próprio país poderia ser tão duradoura. Muito menos que um levante popular estava por vir na próxima década – algo que, bem ou mal, mudaria a vida de todo o povo da Hungria dali em diante.





# Epílogo

O Brasil.



# O poema não parece húngaro

A poucos dias do aniversário de um ano de sua chegada ao Brasil, László Matravolgyi não era nada modesto na hora de confessar: estava muito feliz com seu português. Como trabalhava com brasileiros o dia todo, aprendera o idioma mais rápido que a esposa ou a sogra. Tinha muito orgulho de conseguir se comunicar em uma língua tão diferente do húngaro, o que o deixava cada vez mais audacioso – já não tinha vergonha de tentar formar frases na frente de outras pessoas. Pelo contrário: gostava de se exibir no novo idioma.

Era fevereiro de 1958.

Estava aproveitando o domingo para descansar. A semana, como quase todas as outras, exigira sua dedicação integral ao trabalho. Como resultado de tanto esforço, ele e a esposa, Eva, haviam conseguido alugar uma pequena casa com o próprio dinheiro e tinham até uma empregada que os ajudava com a limpeza do local. Era muito luxo para quem conhecera a vida na Hungria dos anos 1950.

Naquele dia a empregada teria folga. Eva estava sentada ao lado de Marta na cozinha, ajudando a menina com o café da manhã, enquanto ele fazia uma tentativa de ler o jornal na sala. Margit os visitava naquela manhã – saía cedo da casa de Suzana, onde morava na época, e trouxera as compras para fazer um belo almoço. Conversava com a filha caçula, enquanto terminava de arrumar os ingredientes.

Percebendo um barulho, László se levantou para averiguar. Viu uma motocicleta estacionada em frente ao portão; ao lado estava um jovem que ele conhecia por ser namorado de Maria, a moça que os ajudava na limpeza da casa durante semana.

Ele viu naquela situação a chance de exibir seu conhecimento do português. Caminhou até a cozinha e, dirigindo-se a Maria, avisou, em com seu mais fluente sotaque paulistano:

- Tem um cavalo te esperando no portão!

A confusão na expressão da jovem não colaborava para seu sucesso na tentativa de impressionar.

Depois de alguns segundos ela compreendeu (estava aprendendo a interpretar o que queria dizer aquela gente que falava uma língua estranha).

- O senhor quer dizer *cavalheiro*, né, Seu László?

\*\*\*

Eva não conseguia parar de pensar no Brasil, embora estivesse em um convento que servia de sede para a Cruz Vermelha, em Viena, na Áustria. O ano de 1957 estava perto de começar e ela estava com as energias renovadas para partir em busca da terra que lhe havia sido prometida: lá onde ficava a Amazônia e morava Jorge Amado.

Mentira.

Ela mesma se prometera essa terra.

Se a Hungria a repelia cada vez mais, no Brasil o governo buscava mão de obra capacitada para trabalhar. Além disso, sua irmã a esperava.

O convento em que estavam abrigados era grande e era o lar provisório de muitas famílias. Ocupavam um ginásio esportivo ao lado de algumas outras pessoas que não sabiam como seriam suas vidas a partir dali. Camas de um lado, enfileiradas, e na outra ponta do aposento, um refeitório improvisado. Os banheiros, divididos por gênero, ficavam nas laterais do ambiente. Cada uma tinha a própria esperança – alguns



sonhavam com vistos para os Estados Unidos, outros buscavam contato com parentes em outros países da Europa.

Invariavelmente escreviam cartas para os seus. O regime soviético na Hungria estava cada vez mais severo e parecia se vingar dos cidadãos por sua revolta em 1956. Muitos adolescentes haviam sido presos por participarem da revolta e estavam na prisão, aguardando completar 18 anos para serem enforcados por seus atos. Dezenas de milhares de famílias, como os Matravolgyi, escaparam pelas fronteiras nos dias seguintes à Revolução Húngara.

Era sabido que os envelopes com destino à Hungria passavam por censura e frequentemente eram abertos por pessoas do governo, portanto, Eva e o marido escreviam banalidades nas cartas que enviavam para quem ficara no país, mais para mandar um sinal de que ainda estavam vivos do que para contar sobre suas vidas de fato.

Eram férias forçadas.

- Mais uma partida de buraco? – alguns dos amigos recentes ainda aceitavam a sugestão repetida, na esperança de acelerar o tempo na enorme sala de espera que se tornara suas vidas naqueles meses.

Passavam os dias entre jogos de baralho e passeios pela cidade. Passeios que dependessem apenas de seus próprios pés, pois dinheiro não tinham. Em meados de janeiro daquele ano, Suzana enviara 50 dólares diretamente do Brasil – era uma fortuna para quem não tinha nada.

Com esse dinheiro, entre outras coisas, Eva se deu ao luxo de comprar uma roupa, já pensando nas terras brasileiras – camiseta branca e saia vermelha, para enfrentar o calor que a aguardava na terra que tem palmeiras onde canta o sabiá, embora àquela altura nem conhecesse a Canção do Exílio de Gonçalves Dias.

De resto, usaram a pequena fortuna com cautela, para que rendesse até o dia da partida ainda não agendada.

Aguardavam o visto e o navio em que seriam escalados para viajar. No convento chegavam e saíam imigrantes a todo o momento. Atualmente o local ainda funciona como uma escola e um convento, mas também ainda atua como abrigo de refugiados quando é inevitável.

Era, ao mesmo tempo, compreensível e culpável que Eva se sentisse tão feliz e tranquila. À noite, ela se deitava para dormir junto da pequena Marta e sonhava com o azul do mar e o verde da terra. Será que faltava muito?

\*\*\*

Toda viagem é sem volta – quem vai, quando volta, nunca é o mesmo. Naquele 22 de janeiro começava mais uma dessas jornadas para a família Matravolgyi.

Alguns dias antes tinham recebido a notícia de que havia espaço para eles e alguns de seus colegas em um dos navios que partiria em direção ao Brasil. Seu nome era Provence – soava como uma sinfonia aos ouvidos de quem conseguira uma vaga para embarcar naquela viagem. O visto, que lhes fora concedido há alguns dias, finalmente teria chance de ser usado.

No primeiro dia 22 do ano de 1957, Eva, László, Margit e Marta pegaram um trem de Viena, na Áustria, a Gênova, na Itália.

As mudanças começaram a acontecer durante a própria viagem: conforme a paisagem austríaca passava pela janela, o coração de Eva revivia o passado enquanto a cabeça pensava no futuro.

*Deixar.*

Era um verbo deveras poderoso, pensou. Estava deixando sua pátria, seu continente, agora definitivamente. Mas não gostava da conotação de abandono que aquela palavra trazia – ela sabia muito bem que não era tão simples. Não era apenas deixar.

Pensou em seu pai, Jenö, e seus planos ambiciosos para o laticínio. Sua astúcia para providenciar esconderijo, quase tão grande quanto a vontade de proteger a família. Seu jeito rude e autoritário, seus contatos, sua coragem (que ia do beijo de supetão na esposa quando ela nem sonhava em sê-lo, ao esconderijo dos alemães, no subsolo do laticínio, que era perfeito a não ser pelo *Clec* que fazia na hora de abrir e fechar o alçapão). Desdobrara-se pela vida e, no fim, sucumbira ao próprio coração.

Pensou no marido, László, – àquela altura, já o tinha visto como professor, militar, fugitivo. Era um jovem tímido que se apaixonara por uma fotografia, mas que em um piscar de olhos transformara-se em noivo de casamento às escondidas, com direito a botão de rosa amarela no lugar do vestido de noiva. Em outro segundo era o imigrante corajoso, que carregara a filha nas costas durante uma fuga solitária.

Lembrou-se da mãe, Margit, como dona-de-casa e sua reviravolta para ser a responsável pelo sustento da família. Se o pai se desdobrara, ela também o fizera à sua maneira. Receitas francesas. Esconderijo e prisão, *Clec*. Provavelmente era quem mais tinha a perder com aquela viagem: se na Hungria ela era capaz de garantir a própria independência e tinha um bom cargo, nada garantia que no Brasil conseguiria fazer o mesmo.

Através do vidro passava toda a Áustria, campos e mais campos em que a neve encobria o verde da paisagem.

Tudo contribuía para levar o pensamento para longe. Era difícil deixar de lado tudo o que a acometia a cada paisagem perdida através da janela.

*Deixar.* Espiou a janela mais uma vez.

Duas ou três vezes tentou agarrar a paisagem com o olhar para que esta não lhe escapasse.

Em uma última lembrança, impossível de reprimir, lembrou-se de Aniko, a amiga de tantos anos de estudo e decidiu – seria ela quem receberia sua primeira carta depois que chegasse ao Brasil. Com esse pensamento,

libertou-se daquelas memórias – aquele era o momento de pensar no que estava por vir.

Por fim, contentou-se em tirar fotografias mentais da vista europeia. Era tudo o que precisava levar consigo – e logo os tons de verde, os poucos que resistiam sob o campo coberto de neve, lembraram a jovem Eva do que a aguardava em um lugar cheio de natureza. Rapidamente, ela estava, de novo, animada em partir.

A carta que chegou a Aniko por volta da metade daquele ano dizia assim:

Querida Anilko,

Dia 23 de janeiro de 1957 subimos, muito cansados, em um navio chamado Provence. Às 13h horas o navio zarpou, isso foi muito emocionante!

Eu tinha muito medo de ficar doente no navio.

Paramos em Nápoles. Depois de Nápoles, Marseille, na França. Eu gostei muito, achei bárbaro. Chegávamos a descer nessas paradas para passeios curtos.

Paramos, em seguida, em Barcelona onde vi muitas flores, cravos, rosas, e depois disso que atravessamos o Atlântico, nosso primeiro contato verdadeiro com o mar.

A cada parada, mais imigrantes embarcavam.

Durante quatro dias não vimos terra nenhuma, apenas água. Chegamos a Dacar (Senegal), onde não podíamos deixar o navio. Além disso, era noite e não tínhamos com quem deixar a Marta. Depois de cinco dias atravessamos Gibraltar.

Depois disso chegamos ao Rio de Janeiro.

Estava um calor que nunca senti! Eu estava muito

emocionada por que só faltava um dia para eu rever a minha irmã que eu não via há mais de 10 anos.

Dia 8 de fevereiro, às 10h chegamos ao porto de Santos e a Suzana esperava lá com seu marido. O que eu posso dizer sobre o reencontro? Foi muito feliz, a Suzana é muito bonita, o Jorge muito simpático, e o Roni, o primeiro filho deles, um menino muito danado<sup>17</sup> (...)"

A vida no navio seguia uma rotina.

Apesar do nome *Provence*, não viviam de luxo: os homens dormiam na parte de baixo, em dormitórios, enquanto as mulheres e crianças dividiam as cabines no andar de cima. Em cada "cômodo" cabiam quatro ou cinco pessoas.

Os jantares aconteciam em um ambiente específico e todas as refeições eram pagas pela Cruz Vermelha. Quando se sentavam para comer, predominava o clima alegre de quem passa os dias contaminado pela esperança do que está por vir.

O *Provence* era digno de um Titanic – talvez não tão grandioso e marcante quanto o navio que naufragou, mas era suntuoso, com a parte de baixo pintada de preto e inúmeras janelinhas nas laterais.

Para quem não tinha nada, era o navio mais bonito e aconchegante que poderia existir.

Marta era o xodó dos viajantes – ocasionalmente, se o pai assobiava no ritmo da música, a menina dançava segurando as laterais das saias. Aos olhos dos viajantes, junto à pequena dançava a esperança de um futuro melhor, tomava corpo a alegria de quem vivera alguns anos escolhendo a dedo as palavras que dizia.

E assim passaram-se os dias da última etapa de uma longa jornada.

---

17 MATRAVOLGYI, Eva. *Carta enviada do São Paulo, capital, para Budapeste, na Hungria*, em fevereiro de 1957 para MOCZAR, Aniko. Total de 2 folhas.

\*\*\*

Já passava um pouco do horário em que, costumeiramente, se recolhiam para as cabines. Mas aquilo deveria ser feito – ela sentia que precisava fazê-lo.

De acordo com o que lhes fora informado pelo capitão, logo já seria possível ver a costa brasileira pelas janelas do navio, por isso, decidiram que essa seria a noite certa para tomar aquela atitude.

Eva caminhava, de mãos dadas com o marido, a passos firmes. A cada dia se sentiam mais livres da opressão húngara e cada vez mais próximos (como, de fato, estavam) das oportunidades brasileiras. Fugidos, não se arrependiam da decisão.

Ela carregava nas mãos uma sacola com aquilo de que precisava libertar. Era uma mala deveras leve se considerado tudo o que havia em seu interior. Seu conteúdo era denso. Era o peso de sua vida desde que ela podia se lembrar – das freiras expulsas da própria escola, do laticínio do pai, da falta de oportunidade para seu futuro. Do medo de falar nas ruas, dos jornais controlados, dos invernos gélidos passados sob o medo da repressão.

Apertava a mão do marido, que a conduzia na direção da proa do navio. Lá não era tão fácil manter a firmeza dos passos – eles se tornaram lentos, mas não menos confiantes. A brisa da madrugada aliada à velocidade do navio fazia seus cabelos dançarem ao som do vento.

A sensação de liberdade escapava-lhe pelos poros.

O sentimento não era novo - estava dentro dela desde que deixara seu apartamento em Budapeste; agora, que o ambiente era propício e o vento noturno bagunçava suas vestes despreocupadamente, ela se permitia sentir aquilo por inteiro.

O futuro seria bom.

A cada passo ficava mais certa de sua decisão. Chegaram à proa e

ela olhou nos olhos do marido, que retribuiu com a devida cumplicidade. Abriram juntos o zíper da mala que ela carregava, como em um ritual. Um último olhar trocado antes de tocarem o conteúdo da bagagem.

No Brasil, a terra da liberdade, do calor, da oportunidade, não precisariam daquilo. Chegavam dispostos a derramar muito suor, tanto pelo tempo quente quanto pelo esforço.

Era hora de se libertarem da Hungria: um a um, tiraram seus casacos de inverno da bagagem e os jogaram ao mar.

Foram-se, um de cada vez, na imensidão que era tão escura que mal permitia que os olhos distinguissem o céu da água. Os casacos de inverno, do inverno cruel da Hungria, não eram mais necessários para aqueles trabalhadores brasileiros.

# Aí estou chegando quase

-... Então, se um brasileiro terminar uma conversa com “Apareça lá em casa”, vocês já sabem: não é para aparecer! Não entendo porque eles convidam tanto, se não querem a visita! – falava entusiasmado o senhor húngaro, conhecido de Suzana, que viera encontrá-los no Rio de Janeiro.

Azul. Verde. E azul. E verde. E mais um tanto de azul. E de verde. A cabeça de Eva não cansava de olhar as cores de sua nova terra. Ela tentava assimilá-las, mas parecia que seus olhos húngaros não suportariam uma natureza tão viva. Não gostaria de parecer rude com o amigo que lhes explicava sobre o Brasil. Mas era difícil assimilar tantas informações ao mesmo tempo – e em meio a tantas cores!

Não desembarcariam no estado carioca, pois seu destino final era o Porto de Santos. Como sabia da parada, Suzana avisara um conhecido para que visitasse o casal Matravglyi na curta estadia que tinham no Rio. Ele dava os conselhos, as primeiras dicas para uma convivência agradável com a cultura brasileira.

Era uma cultura muito diferente.

Muito azul e muito verde. E azul. E verde.

- 15 minutos, aprendam, isso não existe! É só um jeito de os brasileiros avisarem quando estão atrasados! Se eles dizem que vão demorar 15 minutos, entendam como uma hora. Acreditem no que digo.

Eva tentava se despir da pontualidade europeia com a mesma determinação que a levava a jogar os casacos no mar – mas hábitos não eram tão fáceis de abandonar ao horizonte.



O horizonte, aliás, era azul e verde.

O amigo prosseguia:

-“Dá-se um jeito” é outra frase que os brasileiros adoram, não acreditem quando disserem isso! Eles dão jeito para muita coisa, é verdade, mas na maioria das vezes, falam por falar.

Eva começava a elaborar uma lista mental.

-Quando disserem “espere-me às quatro horas”, programe-se para encontrar o sujeito às cinco horas. E nunca acreditem quando um brasileiro fala que um juiz roubou um jogo para um dos times quando se tratar de futebol... é outra das frases ditas sem pensar!

Capitão, dê ré no navio que eu quero voltar para a Europa!

\*\*\*

Dona Eva, já senhora, nunca perdeu o costume de ser pontual. Pontualíssima. Mas se dá ao direito de carregar brasileirices por ai. Teve casa no litoral norte de São Paulo, o que a obrigava a descer a serra com o carro carregado da conhecida “farofa” e, quando se assusta, não hesita ao esbravejar um sonoro “Puts grila!” carregado no melhor sotaque húngaro-paulistano.

No entanto, quem a via arriscar o português, às vésperas do início da década de 1960, não pensaria que isso um dia pudesse acontecer:

- Rua Baráááo de Itape... como se fala, mesmo?

- Rua Barão de Itapetininga, Dona Eva. Barão, e não Baráo.

- Rua Baraáááão...

Eva já decidira que, quando conseguisse pronunciar aquela que era a mais impronunciável das palavras brasileiras, estaria segura de seu

português. Mas por que alguém inventara um endereço tão complicado? Sentia raiva até mesmo da mãe do Barão de Itapetininga por não ter escolhido uma cidade de nome mais fácil para ter seu filho. E do próprio Barão, que alguma coisa fizera para virar nome de rua.

Mas Eva não tinha intenção de desistir. Se os pés estavam aprendendo a caminhar pelas ruas tortas da capital paulista, a língua também faria seu percurso.

Para sua sorte, seu primeiro endereço quando chegou ao Brasil foi a Avenida Santo Amaro, um nome muito mais fácil no quesito pronúncia. Era muito perto da Avenida Portugal, onde morava Suzana. Viviam em um pequeno sobrado alugado com o dinheiro da família.

Não se passaram dois dias até que László começasse a trabalhar. Um húngaro, conhecido do marido de Suzana, estava encarregado da construção de uma fábrica da Mercedes Bens e precisava de alguém que o ajudasse. László começou fazendo os desenhos, que nada exigiam da sua capacidade de falar português. Fazia tudo com os ouvidos atentos e, pouco a pouco, aquele idioma de sua nova terra não soava tão estranho quanto inicialmente.

Eva não demorou para também ir à labuta – trabalhava na empresa do marido de Suzana. Inicialmente era um serviço administrativo que envolvia mais números do que letras e com isso ela conseguia lidar. Aos poucos, de tanto martelar nos ouvidos, o português começou a entrar em sua cabeça. Nunca fez curso, apenas aprendeu com aquilo que pôde ouvir da boca dos tão receptivos brasileiros.

Marta ia para a escolinha junto de seu primo Roni.

Logo a irmã do marido de Suzana também chegou da Europa e o sobrado da Avenida Santo Amaro passou a ser dividido entre eles e os Matravolgyi – Margit morava com Suzana e as outras duas famílias dividiam o pequeno sobrado.

Com o passar dos meses, László começou a se arriscar no português

e adquiriu cada vez mais respeito e confiança na obra em que trabalhava. O dinheiro ainda era pouco, mas o suficiente para que alugassem o próprio apartamento – este ficava no bairro da Boa Vista, em São Paulo, na Rua Rocha.

E foi lá que a família Matravolgyi instalou sua primeira geladeira, comprada em 16 prestações, para resfriar-se do suor de tanto trabalho. Era a geladeira mais bonita de todo o mundo – a primeira geladeira da vida de Eva Matravolgyi.

\*\*\*

Quando você tem vinte e poucos anos e está transbordando de vontade de recomeçar a vida e libertando-se das dificuldades que viveu, as diferenças entre os povos (costumes, pontos de vista) se tornam muito fáceis de contornar. É a fala de Eva, beirando aos 80 anos, que em um esforço de volta à juventude, tentando lembrar um Brasil difícil, que já não encontra em sua memória.

Talvez, na terra da oportunidade, suas recordações tenham se apegado aos momentos bons.

As datas festivas eram sempre as mais sofridas para quem tentava se adaptar à uma nova realidade na segunda metade do século XX.

Os Matravolgyi sofriam em duas delas: as festas juninas, que naquele tempo eram comemoradas nas ruas e praças, com direito a muita dança e música, tornavam o mês de junho o mais insuportável do ano.

Eva não entendia o motivo de tanto barulho. Será que aquela festa não tinha regras?

A pequena Marta ficava muito incomodada com o som alto e a agitação, e invariavelmente seu aborrecimento era transmitido para os pais.

Os fogos de artifício, presentes na maioria das festas, lembravam o som dos tiros na revolução: a cada barulho, Eva dava um salto, não importava o que estivesse fazendo – era como se o corpo estivesse em permanente estado de alerta depois de tudo o que vivera.

Ouvia-se o som de fogos.

E de novo. E de novo.

A outra festa que incomodava os Matravolgyi era o Natal. Adoravam o natal húngaro, mas não conseguiam se adaptar ao natal verde e amarelo. Celebrar o nascimento de Jesus no calor era extremamente incômodo – simplesmente não combinava com a época!

Aliás, falando em Jesus: essa festa não era sobre ele? Para os húngaros criados sob o regime soviético, o Papai Noel era lembrado apenas no dia de São Nicolau, 6 de dezembro. O natal era uma festa religiosa.

Era difícil acostumar-se com um natal tão comercial, onde um Papai Noel muito agasalhado em seus trajes vermelhos entregava presentes em noites de verão.

Eva nunca mais viveu um natal verdadeiro desde que veio para o Brasil.

\*\*\*

Apoiada na bengala de seu português precário, Eva conseguira, em 1959, um emprego em um escritório que administrava sindicatos. Nem ela mesma acreditou quando foi admitida, mas decidiu aproveitar a oportunidade para aprender a língua dos brasileiros.

Se o português andava de bengala, as atas das reuniões que ela precisava anotar saiam em um empurrão. Era aprender ou aprender – e depois de alguns meses no cargo ela já escrevia no novo idioma suficientemente bem para permanecer na vaga.

O chefe tinha um gosto especial por ditar cartas, o que não era prazeroso para Eva, que era responsável por transcrever as falas, mas pelo menos consistia em um bom treino para olhos e ouvidos. Ao fim de uma das cartas enunciadas por ele, pediu que Eva anotasse o endereço de destino daquelas informações:

-Rua Barão de Itapetininga, número cem.

Ela repetia baixinho, enquanto caprichava na caligrafia:

-Rua...Barão...de... Ita...pe...ti...ninga. Rua Barão de Itapetininga, número cem!

Agora era fato: Eva Matravolgyi sabia falar português!

Mais tarde, nesse dia, orgulhosa de si mesma, veio uma notícia que perpetuou sua relação com a terra que lhe dera uma nova perspectiva de vida: estava grávida. Grávida de sua primeira filha brasileira!

\*\*\*

Em 21 de abril Juscelino Kubitschek inaugurou a cidade de Brasília – o retrato de sua meta de grande crescimento econômico e dinamização industrial para a nação que governou entre 1956 e 1960.

Em 19 de julho de 1960 nasceu a primeira filha de sangue húngaro e coração brasileiro de László e Eva Matravolgyi. Chamaram-na Silvia.

Eva trabalhou até o último dia em que sua grande barriga permitiu-lhe alcançar a mesa de trabalho. Agora, com suas duas meninas, decidiu que era o momento de ficar em casa e cuidar das crianças.

O marido já ganhava o suficiente para sustentar a família e era a vez de se dedicar às pequenas.

Quando começaram a vida escolar, a mãe era tão aluna quanto as filhas.

A professora ensinava a história e a geografia do Brasil para Marta, que chegava em casa e ensinava tudo para a mãe, que a acompanhava nos deveres.

- Não mãe, esse é o Ceará! O Sergipe é aqui, ó!

- Mamãe, a tarefa de hoje é sobre os índios, vem me ajudar!

Foi assim que Eva aprendeu um pouco mais sobre o passado de sua nova nação.

Com a gramática não era diferente – embora em casa se falasse sempre húngaro, tudo o que a pequena Marta aprendia servia de lição coletiva.

A carreira de László ia cada vez melhor. Àquela altura, ele já ocupava o cargo de engenheiro civil chefe, em uma construtora conceituada. Se Silvia ainda engatinhava pelo chão da casa, o português do pai já caminhava sem ajuda. Agora trabalhava como engenheiro responsável por obras maiores. O trabalho era árduo e não dava brecha para folgas – mas o fazia como o sentimento de que poderia progredir, algo que nunca fora possível na Hungria.

- Viva Juscelino! – era uma das frases mais faladas por um László que via de perto a recompensa de seu esforço, em um Brasil que prosperava economicamente. Era uma época propícia para a ascensão de alguém com o perfil de um emigrante como o dele.

O resultado de seu trabalho veio logo, parcelado na forma de conforto: mais especificamente, em 36 prestações, quando compraram seu primeiro terreno para construir sua nova casa, seu endereço pelos próximos anos: a rua Américo Brasiliense.

Mudaram-se em 1964, o mesmo ano em que, em 11 de março, nasceu o membro que faltava para completar a brasilidade da família, o caçula, Gabriel.

\*\*\*

A médica não precisou olhar duas vezes para realizar o diagnóstico:

- Desidratação!

Silvia não parava de ir ao banheiro e vomitar. Tinha apenas quatro anos e a mãe estava preocupada.

O ano de 1965 começara trazendo um dos verões mais quentes que eles já haviam vivenciado no Brasil. Eva, ainda que a cada dia se tornasse mais brasileira, havia se esquecido do básico: no verão as crianças precisam tomar água. Muita água. A mãe húngara estava desacostumada.

Correram com a pequena para o hospital, onde até a recepção estava vazia. Não foi preciso olhar mais de uma vez para ver onde todos estavam: vidrados em frente a uma telinha a poucos metros da sala de espera que exibia um clássico do futebol.

László pediu que o atendessem uma vez e mais outra, e estava prestes a vociferar as piores palavras do vocabulário brasileiro que conhecia, quando o médico finalmente decidiu atender a menina. Felizmente, o socorro era tão fácil quanto aquilo que faltara alguns dias antes: soro.

\*\*\*

Como a flor de miolo amarelo e pétalas brancas, ela era Margarida. Margit era demasiado complicado para os colegas brasileiros e agora ela se via numa versão aportuguesada de si mesma.

László foi ainda mais longe e documentou a mudança; tornou-se Ladislau de papel passado. Unia, assim, o trabalhador respeitado que estava se tornando com o imigrante que tentava a vida no Brasil.

Apesar de tudo, dentro de casa, falava-se húngaro.

Em 26 de janeiro de 1967 a família naturalizou-se brasileira. A regra era simples: aqueles que tinham filhos nascidos aqui poderiam se

naturalizar e assim o fizeram. Agora tinham RG, e até podiam votar, não que se interessassem muito pela política nacional que, naquele tempo, passava por um de seus períodos mais terríveis. Estavam interessados apenas em construir a vida.

- Quando eu senti que me tornei brasileira? – Eva, já senhora, algumas décadas depois, repete a pergunta a si mesma. – Acho que eu me sentia brasileira desde o dia que deixei meu apartamento na Hungria decidida a vir para o Brasil.

Os documentos que registraram esse sentimento vieram quase uma década depois.

Os natais mudaram aos poucos.

Eles nunca conseguiriam se acostumar com um natal no calor. Assim, deixavam-se levar pelo clima natalino, mas era impossível que não se recordassem da vida na Hungria nessas ocasiões.

Eram o retrato da transformação dos Matravolgyi: a cada ano, o cardápio, antes tão europeu, se abasileirava. Os costumes, antes tão húngaros, agora tinham um toque paulistano. Até a pronúncia das crianças, antes com o sotaque perfeito dos nativos da Hungria, agora trazia um detalhe tupiniquim.

Eva não se importava. Era feliz.

\*\*\*

Em meados dos anos 1970 veio o reconhecimento final para Margarida.

Desde 1951, devido a um acordo entre a Claims Conference (organização sediada em Nova Iorque que trabalha pelo reconhecimento das vítimas do nazismo) e o governo alemão, as minorias que sofreram durante o Holocausto tinham direito a receber uma indenização mensal em dinheiro por parte dos germânicos.



Sabendo desse direito, Margarida entrou em contato com advogados húngaros que trabalhavam com questões semelhantes.

Desde que viera ao Brasil, perdera sua independência financeira e vivia da ajuda das filhas. Não reclamava, mas não negava que gostaria de ter um cantinho só seu.

Gastou muita saliva em conversas com advogados, documentos e mais documentos foram enviados. Ela também queria a indenização que era sua por direito.

Três anos depois do início das negociações, finalmente, conseguiu o que queria. A compensação mensal não era muita, mas suficiente para que ela se mantivesse. Alugou um apartamento e viveu modestamente pelos anos seguintes.

Tinha orgulho de seu dinheiro e de sustentar suas pequenas estripulias. Cozinhava maravilhosamente bem, o que era o suficiente para manter a nova casa sempre cheia de netos.

Aprendeu o Português, mas mantinha os costumes húngaros – entre eles a teimosia. Se combinava de jantar com alguém em um restaurante, por exemplo, pontualíssima, esperava sua companhia já sentada com a carteira na mão: naquela noite, ela iria pagar a conta e era melhor não discutir!

Atualmente, cerca de 65 mil pessoas recebem o benefício às vítimas do governo de Hitler<sup>18</sup>. De acordo com leis que entraram em vigor no início de 2012, a indenização se estende a qualquer um que tenha sido obrigado a passar, no mínimo, 12 meses em guetos, escondido ou usando identidade falsa no período.

---

18 *Alemanha amplia indenização a vítimas do Holocausto.* Veja, São Paulo: Editora Abril, Internacional, publicado em 6/12/2011. Acessado em 4 de novembro de 2012. <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/vitimas-do-holocausto-serao-indenizadas-pela-alemanha>

# Szívem<sup>19</sup>

Essa história termina no mesmo lugar em que começou, em um país pequeno, que fica entre a Áustria e a Romênia, a Hungria. O amigo azarão que todo mundo tem.

O ano era 1972.

Era especial por ser o primeiro em que Ladislau tirava férias desde que viera ao Brasil, catorze anos antes. Durante todo esse período as crianças passavam as férias em acampamentos enquanto o dedicado e, por que não, workaholic Ladislau vendia suas férias para o chefe e passava seus dias no trabalho.

Aquelas férias seriam diferentes. Margarida ficou responsável pelos netos e o casal Matravolgyi embarcou em uma viagem de volta ao velho continente.

A primeira parada foi a Suíça.

Eva desceu do avião, ainda presa entre a surpresa e a emoção da primeira folga em anos junto do marido. Despertou de seus pensamentos com o vento gélido batendo em sua face: o vento europeu.

Se não soubesse que os olhos lacrimejavam devido à ventania cortante, Eva acharia que estava chorando. Como sentira falta daquele verde! Não o verde-azul-verde-azul brasileiro e sim o verde da Europa, aquele que tenta sobreviver em meio à brancura da neve.

---

19 Em tradução livre, quer dizer, *Meu Coração*. Retirada de “Sem que ela me perguntasse nada, me deu na veneta pronunciar a palavra Szívem”. BUARQUE, Chico. Op. Cit.

O verde era diferente, o comportamento das pessoas era diferente. Até o cafezinho do aeroporto era diferente – na verdade, era chá. E ela não se dera conta da falta que sentira daquilo até que seus olhos voltassem a ver tudo de perto.

Da Suíça foram para Viena na Áustria, como se, a partir dali, o destino resolvesse obrigá-los a fazer o caminho inverso de volta para casa. E assim o fizeram. Alugaram um carro e partiram em direção a Budapeste.

O coração acelerava conforme o motor do carro – quanto mais perto chegavam, mas eloquentes as batidas.

Logo estavam na fronteira, encarando os guardas russos que eles já haviam visto frente a frente mais de uma vez. As metralhadoras penduradas em seus uniformes deixavam claro que o regime não se tornara mais brando. Qualquer cidadão continuava suspeito, até que se provasse o contrário.

Era quase uma ironia apresentar o passaporte brasileiro na fronteira do próprio país, mas Eva mantinha a seriedade na expressão.

Os soldados fizeram sua parte:

- Desçam do carro!

Eva e Ladislau assistiram o veículo ser praticamente desmontado por aqueles homens que pareciam buscar algo tão secreto que nem chegava a existir. Depois de uma longa revista, foram liberados.

Logo estavam em Budapeste.

Era amarela, como em sua memória.

O vento que batia no rosto de cada um era diferente do vento que circulava em qualquer outra parte do mundo. A brisa da capital da Hungria, antes de tocar-lhes o corpo, passara pelas ruas onde cresceram, atravessara as janelas das escolas onde estudaram, perpassara a casa de cada um de seus amigos e parentes.

Tinha cheiro de páprica, cheiro de creme de leite. Cheiro de csárdas . Por um segundo, Eva pensou sentir até mesmo o cheiro do botão de rosa amarela que perfumara seu casamento.

Ouviu-se o som agudo da campainha de um prédio.

Lá de cima, uma voz de mulher atendeu:

- Pois não?

- Sou eu.

Era difícil dizer qual das duas começou primeiro: a Pequena Eva saiu correndo do andar de cima, enquanto a Grande Eva fazia o marido ruborizar no térreo, tamanha a velocidade que disparara portão adentro assim que ouvira o barulho de que fora aberto. *Clec*.

Gritaram com alguns andares de distância, até que os berros foram ficando cada vez mais próximos, tornaram-se uníssonos e se calaram em um abraço.

O assunto era tanto que não sabiam por onde começar.

Os demais reencontros também foram regados a muitos abraços, presentes e conversas. Daquilo nunca conseguiriam matar as saudades por completo: as pessoas. Os seus.

Se voltar para a Hungria foi acalentar a alma, melhor ainda foi retornar ao Brasil depois da viagem. Agora, era lá que estavam os que eram verdadeiramente seus.

\*\*\*

Eva atualmente mora em São Paulo, em Moema, em uma rua de nome curto, por acaso. Se morasse na Rua Barão de Itapetininga saberia pronunciar seu endereço com muito orgulho. Marta é gerente em uma escola de idiomas e mãe de Rafael. Silvia é professora universitária, mãe de Júlia e Luíza. Gabriel é arquiteto e pai de Elizabeth, Sabrina e Gabriel. Ladislau morreu em 1986, vítima de um ataque cardíaco. Margarida morreu em 1991, aos 90 anos, vítima de câncer. Suzana também mora em São Paulo e tem três filhos, seis netos e 1 bisneto. Ibolyá morreu em 1987, vítima de câncer. Deixou um filho, Béla, e uma neta, Anna. Ambos vivem em Budapeste.



### Nota da autora:

Esse livro seria incompleto não fosse a revisão detalhada da minha mãe, Silvia, a capa e as ilustrações feitas pelo João, as correções e o interesse do professor Jefferson Goulart e os inúmeros livros, revistas e depoimentos carinhosamente concedidos pela Comunidade Húngara de São Paulo, especialmente Sr. Laszlo Kapos, Sra. Alinka Lepine, Sra. Lizi e seu filho Lorant Tirczka e Sr. Szabolcs Fejer.

Köszönöm!  
Júlia Matravolgyi





## Agradecimentos:

Esse trabalho é o resultado de um sem fim de colaborações. Elas vieram na forma de depoimentos, fotos, pesquisas, sorrisos, confiança e detalhes - esses últimos, talvez os mais importantes. E é por eles que agradeço em primeiro lugar:

À minha avó, Eva, por rir de mim nas tentativas de falar húngaro e por chorar quando mostro que me lembro das músicas que me ensinou quando pequena. Obrigada pela casa sempre aberta e pelo carinho com que me contou cada palavra - esse livro é metade seu.

Ao meu avô, Ladislau (*in memorian*), e minha bisavô, Nami (*in memorian*), por existirem em lembranças alegres nos corações de quem ficou. À toda a família Matravolgyi pelo carinho e pela história “emprestada”.

À minha mãe, Silvia, pelo incentivo incessante e pelos conselhos carinhosos durante a feitura desse trabalho - e em todo o resto do tempo.

Ao meu pai, Alvaro, por temperar com amor a comida que serviu como combustível para a elaboração desse livro. E pelos gostos ao invés dos tostões no bolso.

À minha irmã, Lú, pelo riso solto de criança combinado com o olhar determinado de adulto. Você é o melhor de mim.

Ao João, pelo coração descomplicado. E pela cumplicidade.

Aos amigos da Unesp e de São José pelo amadurecimento compartilhado e pelo carinho constante.

Aos que leram esse trabalho antes da hora e dedicaram seu tempo a pequenos comentários que trouxeram bom-senso ao resultado.

Aos que, de alguma forma, incentivaram a viagem que construiu esse livro. Obrigada!



## Bibliografia:

BUARQUE, Chico. *Budapeste: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BERTÉNYI Iván e GYAPAY Gábor, *Modernkori magyar történelem*, Maecenas Könyvek: Budapest, 1995.

CLARKE, Isabelle e COSTELLE, Daniel. *Apocalipse: Redescobrimo a Segunda Guerra Mundial*. National Geographic: 2009.

FERREIRA, Marieta Morais, FERNANDES, Tânia M. D., ALBERTI, Verena (org) *História Oral, desafios do século XXI*, São Paulo, Editora Fiocruz, 2000.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos – o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTGOMERY, John F. *Hungria, satélite contra a vontade*. São Paulo: EDUSP/COM-ARTE, 1999.

NEIVA, Paula. *Veja Ed 1851*. São Paulo: Abril, 2004.

PESSOA, Lenildo T. *A Revolução Popular*. Caruaru: Livraria e tipografia estudantil, 1966.

POPOW, Irene. *Adeus, Stalin!* São Paulo: Objetiva, 2011.

RÓNAY, Paulo. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.

SEBESTYEN, Victor. *Doze Dias: a revolução de 1956 – O levante húngaro contra os soviéticos*. São Paulo: Objetiva, 2006.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale – I – My father bleeds history*. Nova York: Pantheon, 1992.

VERO, Judith. *Alma estrangeira*. São Paulo: Agora, 2003.

YENNE, Bill, *100 homens que mudaram a história do mundo*, / Bill Yene; tradução Roger Maiole. São Paulo, Ediouro, 2004.

Todos os títulos dos capítulos desse livro são inspirados em frases ou palavras utilizadas por Chico Buarque na obra *Budapeste: romance*, cuja referência está acima.





